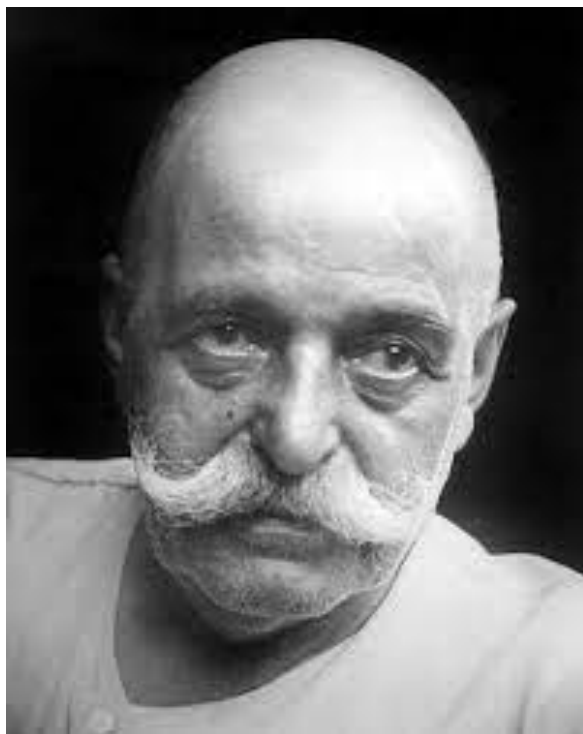
A Astronomia “Lunática” de G. I. Gurdjieff

Octavio da Cunha Botelho

Novembro/2023

RESUMO

O estudo seguinte informará e analisará as antigas ideias adaptadas para uma abordagem contemporânea por G. I. Gurdjieff, muitas delas fascinantemente interessantes, sobretudos as ideias psicológicas, porém, em razão de limitação de espaço, este estudo se limitará em analisar apenas as ideias cosmológicas, mais especificadamente, a teoria do Raio da Criação e suas estranhas ideias sobre a Lua, com suas implicações astronômicas, provavelmente os temas mais fantasiosos no seu Sistema. Também, demonstrará como esta teoria não foi subsequentemente confirmada pelos cientistas, mesmo cerca de cem anos após a sua divulgação, bem como as pesquisas astronômicas posteriores, em quase todos os pontos, chegaram a resultados tão contrários ao que pregou este esoterista, em razão das descobertas posteriores.

PALAVRAS-CHAVES: G. I. Gurdjieff, Quarto Caminho, Raio da Criação, Lua,

ABSTRACT

The following study will inform and analyze the ancient ideas adapted to a contemporary approach by G. I. Gurdjieff, many of them fascinatingly interesting, especially the psychological ideas, however, due to space limitations, this study will be limited to analyzing only the cosmological ideas, more specifically, the theory of the Ray of Creation and his strange ideas about the Moon, with their astronomical implications, probably the most fanciful themes in his System. It will also demonstrate how this theory was not subsequently confirmed by scientists, even about a hundred years after its dissemination, as well as how subsequent astronomical research, in almost all points, reached results so contrary to what this esotericist preached, due to the discoveries later, Gurdjieff could not have imagined the gigantic development of astronomy in the second half of the 20th century.

KEYWORDS: G. I. Gurdjieff, Fourth Way, Ray of Creation, Moon,

Introdução

Para quem já esteve dentro e agora observa de fora, é curioso notar como aqueles que estudam e praticam o esoterismo, ou aqueles que são apenas simpatizantes, dificilmente percebem que por suas mentes não passam a desconfiança de que os segredos, os mistérios e os símbolos esotéricos, reservados ao conhecimento dos iniciados, nunca poderiam ser ideias, práticas e representações obsoletas e ineficazes para os tempos de hoje, em razão da antiguidade e do primitivismo, preservadas secretamente desde uma época antiga e pré-científica, quando a fantasia, a simbolização e a mitificação eram os meios de especulação e de registro, no lugar do método científico de investigação ainda por surgir. Sendo assim, para o esoterista, o conhecimento secreto, que é passado para o iniciado, é sinal incontestável de veracidade e de confiança, por isso deve ser mantido em sigilo, a fim de que não alcance as mãos dos despreparados para recebe-lo. Quando mais secreto o ensinamento ou a prática, bem como mais antigo, mais verdadeiro. Portanto, o grau de veracidade de um conhecimento e a efetividade de uma prática podem ser medidos, dentre outras maneiras, pelo grau de preservação do segredo. A manutenção do sigilo no interior das tradições esotéricas é suficiente para assegurar a sua veracidade e a sua efetividade. Até mesmo para alguns

esoteristas, quanto mais antigo o segredo, mais verdadeiro e valioso. Não passa por suas mentes a hipótese de que um segredo pode ser apenas uma primitiva especulação conjectural, ainda desprovida da instrumentalidade necessária para a sua confirmação, por isso se tornou, com o tempo, uma obsolescência, pois, para eles, se é um segredo esotérico, então é uma verdade incontestável, e até eterna, de maneira que não existe segredo inverídico no esoterismo. E quando raramente encontramos alguns esoteristas desconfiando dos segredos esotéricos, é sempre dos ensinamentos ou das práticas de uma tradição esotérica rival. Por exemplo, o esoterista francês René Guénon, que criticou severamente a Sociedade Teosófica, através de um extenso livro, a denominando de “pseudoreligião”.

Agora, a rigor, deixando de lado o sentimento de fascínio que os mistérios proporcionam, o segredo, quer seja esotérico ou popular, pode ser tão inverídico quanto qualquer boato ou qualquer historieta contada em uma mesa de botequim. Pois o segredismo não é fundamento suficiente para a veracidade de uma ideia ou de um fato, as pessoas sempre preservaram mentiras em segredo. Além disto, os segredos também podem encobrir crimes. As gangues criminosas, a Yakuza e a Máfia possuem segredos, nesta última se realiza juramento de não divulgar os segredos.

Na posse de segredos, os esoteristas pensam que os mesmos lhes suprem de ideias e de práticas que, em razão do sigilo, poucos

conhecem, com isso é frequente encontrarmos autores esotéricos justificando a ignorância dos cientistas diante dos segredos esotéricos. Ou seja, as “verdades esotéricas” não são reconhecidas pelas ciências em função da inacessibilidade dos cientistas aos segredos dos iniciados. Então é frequente os autores esotéricos explicarem um determinado assunto, mediante a perspectiva esotérica, muitas delas bem fantasiosas, e justificarem que o não reconhecimento da versão esotérica, pela comunidade científica, acontece pelo fato dos cientistas não terem ainda acesso a tais “verdades esotéricas”. Alguns autores chegam até a afirmar que um dia os cientistas reconhecerão estas “verdades”, quando estas eventualmente lhes chegarem às mãos. Muitos esoteristas ainda sonham com esta possibilidade.

Este é um exemplo, dentre outros, do que acreditaram, e ainda acreditam, os seguidores e os admiradores do esoterista grego-armênio George Ivanovich Gurdjieff (1872-1949), quem afirmou que o conhecimento que ele trazia das suas viagens pelo Oriente era desconhecido dos cientistas, pois estes últimos não tinham acesso a tais doutrinas e práticas esotéricas. Portanto, o estudo abaixo informará e analisará as antigas ideias adaptadas para uma abordagem contemporânea por este esoterista, muitas delas fascinantemente interessantes, sobretudos as ideias psicológicas, porém, em razão de limitação de espaço, este estudo se limitará em analisar apenas as ideias cosmológicas, mais especificadamente, a teoria do Raio da Criação

com suas implicações astronômicas, provavelmente o tema mais fantasioso no Sistema de G. I. Gurdjieff. O estudo seguinte demonstrará como esta teoria não foi subsequentemente confirmada pelos cientistas, mesmo cerca de cem anos após a sua divulgação, bem como as pesquisas astronômicas posteriores, em quase todos os pontos, chegaram a resultados tão contrários ao que pregou este esoterista, em razão das descobertas posteriores, após a criação de observatórios superpotentes, de telescópios orbitais (Habble e Kepler) e o satélite espacial James Webb, de sondas especiais (Voyager I, Voyager II, Soho, Galileo, Pioneer, New Horizons, etc.), de radiotelescópios, de sondas rovers de exploração extraterrestre (Spirit, Opportunity e Perseverance), de medidor de radiação cósmica de fundo em micro-ondas, etc. Bem como, a coleta de amostras do solo lunar, a análise de amostras do solo do planeta Marte por sondas rovers, a confirmação da existência dos Buracos Negros e a criação de colisores de partículas contribuíram para o estupendo avanço nos conhecimentos cosmológicos e subatômicos nas últimas décadas. Gurdjieff não poderia imaginar o gigantesco desenvolvimento da astronomia na segunda metade do século XX.

A Vida de George I. Gurdjieff

Quando estudamos desde uma perspectiva histórica e desapaixonada as tradições religiosas, ou seja, independentemente da pregação

catequética e propagandista, é possível perceber o tanto que alguns de seus fundadores são enigmáticos, quanto mais antigo, mais confuso, resultando, desde o início da tradição, na multiplicação de interpretações sobre suas personalidades, sobre suas vidas e sobre seus ensinamentos. O Cristianismo é um exemplo. Sabemos que na época do Concílio de Nicéia (325 e. c.), existiam cerca de cinquenta diferentes evangelhos, sendo que mais de trinta já foram recuperados e publicados, preservados quer na íntegra ou em fragmentos. Na ocasião, somente quatro evangelhos foram reconhecidos como autênticos pela corrente então dominante, isto é, os quatro evangelhos canônicos atuais. Esta multiplicação de interpretações aconteceu na continuidade de outras religiões também. Este mesmo exemplo acontece com a personalidade, com a vida e com os ensinamentos de George. I. Gurdjieff, Um dos seus dedicados discípulos, John G. Bennett, iniciou o seu relato sobre a personalidade e a vida de seu mestre da seguinte maneira; “Gurdjieff foi um grande enigma de muitas maneiras. O primeiro e o mais óbvio é o fato de que nem mesmo duas pessoas, que o conheceram, concordam quanto a quem ele foi. Se alguém olha nos vários livros que foram escritos sobre Gurdjieff e se você olha para os próprios escritos dele, você encontrará que nem dois relatos são os mesmos. Cada um que o conheceu, ao ler o que outras pessoas escreveram sobre ele, sente que elas não o compreenderam corretamente. Cada um de nós

acredita que vimos algo que os outros não viram. Isto é sem dúvida verdadeiro. Isto aconteceu em razão do peculiar hábito que ele tinha de se ocultar, de parecer ser algo diferente do que ele realmente era. Isto era muito confuso, e começou desde a época em que ele ficou conhecido nos países europeus" (Bennett, 1974: 01; ver também: Cusack, 2021: 612). John G. Bennett também informou que G. I. Gurdjieff alterou os seus ensinamentos e as suas práticas no decorrer dos anos de seus sucessivos experimentos, de modo que quem conheceu Gurdjieff, no começo da sua carreira de instrutor, formou uma ideia diferente daquele que o conheceu nos últimos anos da sua vida. Ele explicou: "Uma impressionante característica dos ensinamentos e dos métodos de Gurdjieff é que ele nunca permaneceu parado. Até o fim da sua vida, ele continuou experimentando e não houve um período estacionário. (...) Experimento pode conduzir a mal entendido porque as pessoas familiarizadas com um particular período da sua vida pode tomá-lo como sendo representante do todo, e se encontram em completa contradição com pessoas que conheceram um diferente período de sua vida" (Bennett, 1974: 70). Outro fator que aponta a ficcionalidade da sua autobiografia (ou auto mitologia), relatada em *Meetings with Remarkable Men* (Encontro com Homens Notáveis), iniciada em 1927 em russo com diversas revisões pelo autor, primeira edição francesa em 1960 e primeira edição inglesa 1963, através da tradução de Alfred R. Orange, é a diferença no relato da

sua personalidade e do seu comportamento tão protagonista, tão amistoso, tão heroico e tão querido, na sua autobiografia (auto mitologia), e os relatos de sua personalidade e do seu comportamento por seus seguidores após o seu estabelecimento na Europa como instrutor. Visto que a sua trajetória, a partir de então, não foi tão feliz (ele sofreu dois acidentes automobilísticos graves) e seu temperamento não era muito amistoso, uma vez que James Webb observou que, por volta dos anos 1930, “Gurdjieff pareceu ter se desentendido com todos os seus seguidores mais antigos”, (Webb, 1987: 18). Uma das brigas mais notórias foi com um dos seus expoentes mais reconhecidos, Pyotr D. Ouspensky (1878-1947), ocorrida em 1924, o que resultou na mútua separação até o fim das vidas de ambos. Mesmo após o rompimento, Ouspensky continuou, mesmo assim, a ensinar as ideias e as práticas de Gurdjieff em Londres.

Tal como mencionado acima, Gurdjieff não foi o único líder enigmático, envolto em mistério, muitos outros, quanto mais antigos, mais envoltos em mitos e em mistérios. Muitos profetas antigos são conhecidos apenas através de relatos mitológicos. Alguns possuem duas versões, uma histórica e outra mitológica. Assim como os historiadores e pesquisadores atuais tentam separar o que é mito e o que é história na vida dos fundadores de religiões, bem como o que é dito original e o que é interpolação posterior introduzida pelos seguidores. Este mesmo empreendimento histórico é preciso ser feito nos

relatos do próprio Gurdjieff e dos seus discípulos. Alguns trechos de sua autobiografia, *Meetings with Remarkable Men* (Encontro com Homens Notáveis), parecem ficção, o que nos faz lembrar os livros ou os filmes de aventura, enquanto outros episódios podem ser fatos históricos, portanto uma combinação de fatos históricos com fatos fictícios. Gurdjieff se apresenta nesta sua autobiografia como um biscateiro, que é capaz de fazer quase tudo, até o sucesso na fraude de pintar pardais de amarelo e vendê-los como canários americanos. Ele não tinha uma profissão definida, abandonou a escola formal ainda na adolescência para ser instruído por tutores particulares, com isso nunca cursou uma universidade, embora em sua autobiografia ele relatou que tinha habilidades em muitas tarefas, o que o tornava muito requisitado.

A verificação da veracidade dos relatos da vida de alguém torna-se limitada quando a única fonte de informação é a do próprio autor da autobiografia, pois não é possível compará-la com outras fontes. Quando o autor é a única fonte de informação, consequentemente o leitor é obrigado a confiar no seu testemunho. Este é o caso da etapa da vida de G. I. Gurdjieff relatada em sua autobiografia *Meetings with Remarkable Men* (Encontros com Homens Notáveis), 1963. Em razão do caráter fictício, James Moore a definiu como "não-histórica e auto-mitopoética" (Moore, 2006: 246; ver também: Huggins, 2019: 01). Em outra sua obra, *Gurdjieff: The Anatomy of a Myth: A Biography*, J. Moore denominou a primeira parte desta obra, que trata das informações incluídas

em *Meetings with Remarkable Men,* de “auto mitologia” (Moore, 1991: 07-38; ver também: Huggins, 2019: 01), algo como se G. I. Gurdjieff tivesse criado uma mitologia para si próprio. Sobre esta autobiografia em parte mitológica, Carole M. Cusack observou que as viagens de G. I. Gurdjieff em busca de sabedoria estão “registradas de uma forma ficcionalizada” (Cusack, 2021: 612). A rigor, pode-se acrescentar que a obra é uma combinação de auto mitologia com auto hagiografia, em razão do caráter autocêntrico, predestinado e auto glorificante do autor.

O esforço em busca da verdade de G. I. Gurdjieff e de seus companheiros, um grupo de curiosos sonhadores obcecados por encontrar aquilo que não está disponível para todos, denominado no livro de “Buscadores da Verdade” (Gurdjieff, 2002: 164-5; 208-11 e *passim*), deixa no leitor a ideia de que a verdade não poderia ser encontrada na cultura científica ou acadêmica daquela época (final do século XIX). Para estes aventureiros sonhadores, a sabedoria precisava ser buscada por detrás dos ensinamentos velados das recônditas e antigas escolas esotéricas. Até o ponto que é possível extrair do livro, apesar do grupo ser integrado por alguns membros com formação acadêmica e científica (arqueólogo, engenheiro, etc.), o método de pesquisa é muito amador e rudimentar para que tivesse o poder de produzir resultados significativos para o mundo científico, uma vez que não era orientado e patrocinado por instituições cientificas ou acadêmicas. Bem como, a principal prova da

precariedade investigativa das expedições é o fato de que não renderam resultados de pesquisa através de publicações, uma vez que não são mencionadas no livro, tampouco são possíveis encontrar publicações resultantes destes trabalhos de pesquisa destes “Buscadores”. Concluindo, um esforço inútil, por isso a desconfiança de alguns autores de que estes “Buscadores da Verdade” nunca existiram e que são personagens de uma peça de ficção inventada por Gurdjieff no livro. Deve ter sido incluída em sua autobiografia a fim de enriquecer o seu currículo intelectual, como um participante de atividades científicas, tal como, por exemplo, escavações arqueológicas. Dos participantes deste grupo de “Buscadores da Verdade”, quase todos morreram ainda cedo (Soloviev, Vitvitskaia e Karpenko), ou desapareceram para nunca mais serem encontrados (príncipe Yuri Lubovedsky, Ekim Bey e Skridlov), então não é possível encontra-los para que testemunhem se estes “Buscadores” realmente existiram, ou se suas atividades aconteceram da maneira que é relatada na autobiografia de Gurdjieff. Enfim, desde o ponto de vista do rigoroso método científico, este grupo de Buscadores da Verdade parece mais uma turma de bisbilhoteiros sonhadores atrás de objetivos utópicos, do que pesquisadores científicos, ocupados mais com aventura do que com Ciência.

A prática de relatar histórias sem deixar pistas ou rastros para investigação é muito comum nos relatos esotéricos e religiosos, para que os mesmos alcancem isenção de contraposição e,

com isso tenham aparência de realidade. Trata-se de uma astúcia muito efetiva nos ouvintes ou nos leitores. Os relatos mais persuasivos são aqueles impossíveis de se rastrear a verdade, pois dependem da exclusiva confiança no narrador, por isso é uma preocupação dos narradores dos relatos fantasiosos não deixar rastros susceptíveis de investigação, ou seja, não deixar pistas que revelem a ficcionalidade. Então, matar alguns personagens e fazer outros desapareceram para nunca mais serem contatados, tal como fez G. I. Gurdjieff em sua autobiografia, é uma fórmula de se livrar das pistas de investigação e, consequentemente, forçar o leitor a acreditar somente nele, com isso alcançar efeito persuasivo. Um dos biógrafos de G. I. Gurdjieff, James Webb, justificou assim a composição de *Meetings with Remarkable Men:* "O livro foi parcialmente projetado para atender as recorrentes perguntas que mais frequentemente eram feitas em sua época. Também, foi projetado para servir como material para preparar para uma compreensão do seu sistema. Ele alegou que ele foi também projetado para dar um quadro de sua própria vida, mas no estilo que este quadro foi pintado, ele não informou". E concluiu que "o livro é igualmente repleto com símbolos e histórias alegóricas" (Webb, 1987: 28). Ele justificou ainda mais: "a maioria destes personagens provavelmente não tinham existência histórica. Talvez nunca tenha existido um Yelov ou uma madame Vitvitskaya. Mas, por toda a história de aventura brilhantemente colorida e através dos

goles de armanhaque, que Gurdjieff informou que tinha bebido em quantidades heroicas enquanto escrevia o livro, surge um inegável sentido de autenticidade. Os personagens podem ser imaginários e compostos, mas um rico suprimento de experiência autobiográfica do passado indubitavelmente aventureiro de Gurdjieff entram na composição da obra" (Webb, 1987: 28). Quanto à paixão de Gurdjieff pela bebida, ele a elogiou na introdução de *Meetings with Remarkable Men, "*do nada menos sublime líquido chamado velho armanhaque ...". E no parágrafo seguinte, mencionou o seguinte detalhe insignificante, o que pressupõe que deveria estar bêbado quando o escreveu: "... desde o primeiro dia em que eu mudei o meu costume de beber armanhaque com o que são chamadas taças de licor e comecei a bebê-lo com o que são chamados de copos de vidro ..." (Gurdjieff, 2002: 03). Bem, pode ser que Gurdjieff tentou imprimir uma mensagem didática nas entrelinhas da sua autobiografia, mas o fato intrigante é que muitos seguidores e admiradores de Gurdjieff, mesmo diante de tanta ficcionalidade, acreditam que tudo no seu livro autobiográfico, ou no filme, é real.

Gurdjieff e os Essênios

Antes de entrar nas análises de algumas crenças astronômicas deste esoterista, seria interessante apontar um exemplo de uma dentre as tantas passagens fictícias da sua autobiografia (ou auto mitologia) reproduzida em *Meetings with*

Remarkable Men (Encontros com Homens Notáveis). Trata-se da menção da sobrevivência, até aquela época (segunda metade do século XIX), da comunidade dos Essênios. Sobre estes últimos, ele escreveu em sua autobiografia (ou auto mitologia): “Bogachevsky, ou padre Evlissi, ainda está vivo e bem. E tem a boa sorte de ser assistente do abade do principal monastério da Irmandade Essênia, situada não distante das praias do Mar Morto. Esta irmandade foi fundada, de acordo com certas suposições, mil e duzentos anos antes do nascimento de Cristo, e é dito que nesta irmandade Jesus Cristo recebeu sua primeira iniciação” (Gurdjieff, 2002: 58, ver também: Huggins, 2019: 02). Ele alegou que esteve pessoalmente em contato com membros desta comunidade: “Eu estive entre os essênios, a maioria dos quais era judeu...”. E, em outra passagem, relatou o fantasioso fenômeno de que “por meio de antigas músicas e canções hebraicas, eles (os Essênios) faziam as plantas crescerem em meia hora” (Gurdjieff, 2002: 133; ver também: Huggins, 2019: 11-2).

Na época em que Gurdjieff escreveu esta sua mitológica autobiografia, muitas referências aos essênios já eram conhecidas, através dos autores da Antiguidade e dos contemporâneos, inclusive a menção da localidade de uma das suas comunidades nas proximidades do Mar Morto, e ele certamente leu algumas delas. Ronald V. Huggins organizou uma relação de obras, cujas menções aos essênios foram publicadas no século XIX (Huggins, 2019: 03-8). Ele observou: “Era um

conhecimento comum que a comunidade essênia tinha estado nas margens do Mar Morto desde os tempos de Plínio, o Velho, quem a mencionou em seu livro *História Natural*, escrito no primeiro século da nossa era" (Huggins, 2019: 03). Outro autor da Antiguidade, que mencionou os Essênios, localizados nas proximidades do Mar Morto, foi Sinésio de Cirene (370-413 e. c.), em sua biografia sobre *Dio Chrysostom*: "Também, em algum lugar, ele louva os Essênios, os quais formam uma inteira e próspera cidade perto do Mar Morto, no centro da Palestina, não distante de Sodoma" (Huggins, 2019: 03n9).

Plínio especificou em sua *História Natural*: "no lado ocidental do Mar Morto, mas fora do alcance das exalações nocivas da costa, está a solitária tribo dos Essênios" (Idem: 03). Assim, "a passagem acima de Plínio, relativa à localização da antiga comunidade essênia, era amplamente conhecida por esoteristas nos tempos de Gurdjieff, e era de particular interesse para aqueles desejosos de proclamar, tal como Gurdjieff fez, que Jesus esteve associado com o misterioso grupo. Este era especialmente o caso nos tipos de círculos esotéricos com os quais Gurdjieff teve contato" (Idem: 04).

As ruinas de Qumran já eram superficialmente conhecidas [1] nos tempos de

---

[1] Ou seja, antes das escavações arqueológicas empreendidas após a descoberta dos manuscritos nas cavernas nas proximidades do Mar Morto, pela primeira vez, em 1946, quando foi possível saber que se tratava de uma comunidade

Gurdjieff, elas eram denominadas pelos nomes árabes de Kharbet-el-Yahoud, Kharbet-Fechkhah e Kharbet-Goumran, porém os curiosos da época divergiam sobre a qual cidade antiga pertenciam as ruinas. O explorador francês do século XIX, Louis Félicien de Saulcy, após sua visita ao local nos anos 1850-1851, afirmou não ter dúvidas de que as ruínas eram da cidade bíblica de Gomorra (Huggins, 2019: 03n7). Outro curioso daquela época, que visitou a região, foi o reverendo Albert Augustus Isaacs (1826-1903), cuja viagem rendeu a publicação do livro *The Dead Sea: Note and Observations Made During a Journey to Palestine in 1856-7 – on M. de Saulcy Supposed Discovery of the Cities of the Plain* (O Mar Morto: Notas e Observações Feitas Durante uma Viagem à Palestina em 1856-7 – sobre a Descoberta de M. de Saulcy das Cidades da Planície), publicado em 1857. Ambos são comiserados como arqueólogos amadores e erraram muito em suas suposições.

Se as ruinas de Qumran são ou não as ruinas de uma antiga comunidade dos Essênios, esta é uma discussão que se arrasta por algumas décadas, embora a maioria dos pesquisadores esteja inclinada a afirmar que sim, ainda não é uma unanimidade. Bem como, se os manuscritos

---

judaica soterrada, há séculos, portanto as ruinas conhecidas antes eram apenas as partes superiores que não foram encobertas pelo solo. Em palavras populares, "eram apenas a ponta do iceberg". A descoberta dos manuscritos nas proximidades despertou o interesse dos arqueólogos pela escavação científica do que poderia estar por debaixo daquelas ruinas.

encontrados nas cavernas são ou não escritos essênios, permanece uma dúvida para alguns pesquisadores. Pois existem semelhanças, mas também existem divergências, entre os conteúdos destes manuscritos e as informações fornecidas pelos autores da Antiguidade.

Os autores contemporâneos que precederam Gurdjieff também reproduziram as informações de Plínio, com isso reforçando a ideia de que existiu uma comunidade dos essênios nas proximidades do Mar Morto e que Jesus esteve associado à ela. Um autor foi Arthur Lille, quem incluiu esta informação em seu livro *Buddhism and Christendom, or Jesus, the Essene,* de 1887 (p. 130), bem como o autor E. Planta Nesbit em seu livro *Jesus an Essene*, de 1895 (pp. 120-1). Na contra mão destes argumentos, Albert Schweizer revisou estes argumentos dos autores precedentes em seu conhecido *The Quest of the Historical Jesus* (Em Busca do Jesus Histórico), de 1906, no capítulo sobre "as mais antigas biografias fictícias de Jesus". A. Schweizer avaliou estes argumentos como "brutos e fantásticos" (pp. 38-47). Entretanto, a crença de que existiu uma comunidade essênia nas proximidades do Mar Morto e que Jesus foi um essênio sobrevive até hoje entre os teósofos, os esoteristas e os new agers (Huggins, 2019: 04). Gurdjieff foi ainda mais longe que estes autores precedentes, ao informar que a comunidade dos essênios no Mar Morto sobrevivia até a sua época e que ele a contatou.

Outro livro, ainda mais conhecido, que influenciou Gurdjieff sobre estes temas, foi *Les*

Grands Initiés: Esquisse de L´histoire Secrète das Religions (Os Grandes Iniciados: Esboço da História Secreta das Religiões), primeiro edição 1889 (2 volumes), cujo autor Gurdjieff conheceu pessoalmente, Édouard Schuré, quem também localizou os Essênios nas margens do Mar Morto e afirmou que Jesus recebeu o seu treinamento neste local (vol. II, p. 288). Outro ex-teósofo que Gurdjieff esteve pessoalmente foi Rudolph Steiner, quem abandonou a sociedade teosófica e fundou a escola esotérica Antroposofia, ele também alegava que Jesus foi um essênio, mas, diferentemente, localizou o paradeiro dos essênios em Nazaré. Mais tarde Gurdjieff fez comentários negativos sobre a Antroposofia (Huggins, 2019: 07).

A mais conhecida autora a mencionar este assunto naquela época foi Helena P. Blavatsky, uma das fundadores da conhecida Sociedade Teosófica, quem também informou que Jesus foi treinado pelos Essênios e os localizou mas margens do Mar Morto em *Isis Unveiled: A Maser-Key to the Mysterires of Ancient and Modern Science and Theology* (Isis sem Véu: Uma Chave Mestra para os Mistérios da Ciência e da Teologia Antigas e Modernas), primeira edição 1877, 2 volumes, (volume I, xxx e 434).

Como mencionado anteriormente, apesar da grande maioria dos pesquisadores aceitar a ideia de que alguns dos Manuscritos do Mar Morto (sobretudo a Regra da Comunidade, o Documento de Damasco, a Regra da Congregação e outros fragmentos) sejam textos essênios, estes textos

não se autodenominam de essênios, uma vez que a integral semelhança entre os dados sobre os essênios fornecidos por Flávio Josefo, Filo de Alexandria e Plínio, o Velho, não é possível de ser demonstrada na íntegra, apenas parcialmente, bem como esta associação não é uma absoluta unanimidade entre os pesquisadores, pois existem algumas diferenças doutrinárias e práticas que precisam ser consideradas. Ademais, não existe unanimidade entre os pesquisadores, até agora, quanto à alegação de que as ruinas de Qumran são as ruínas de uma comunidade essênia[2]. Não existem dados arqueológicos suficientes para tal identificação, que levem a excluir a possibilidade de outras seitas judaicas. Também, a identificação dos Manuscritos do Mar Morto com as ruinas de Qumran é duvidosa.

Sobre seu amigo e antigo tutor (Bogachevsky ou padre Evlissi), Gurdjieff informou que em certo momento: "ele fez amizade com um vendedor de rosários que negociava perto do Templo do Senhor. Este comerciante era um monge da Ordem Essênia [3] que, tendo

---

[2] Para conhecer os argumentos a favor desta identificação, ver: Vermes, 2004: 46-8 e Huggins, 2019, *passim*, e para uma discussão extensa sobre a controvérsia, ver: Collins, 2013: 33-66.

[3] Interessante observar que, nas descrições sobre os essênios, tanto nos autores da antiguidade e nos Manuscritos do Mar Morto, não encontramos a possibilidade de que um monge da ordem dos Essênios pudesse trabalhar como "comerciante" e "vendedor de rosários", parece que era uma ocupação em desacordo com as regras da

gradualmente preparado Bogachevsky, o introduziu em sua irmandade. Devido à sua vida exemplar, Bogachevsky foi nomeado diretor e, alguns anos depois, principal em um dos braços dessa irmandade no Egito; e mais tarde, com a morte de um dos assistentes do abade do mosteiro principal, Bogachevsky foi nomeado em seu lugar" (Gurdjieff; 2003: 72-3).

Bogachevsky não poderia ter sido assistente do abade do mosteiro essênio, uma vez que o mesmo não existia mais na época de Gurdjieff, Huggins desconfiou da existência do mosteiro essênio e, consequentemente, da ocupação deste cargo, nas seguintes palavras: "sua (de Bogachevsky) suposta ocupação como assistente do abade do (inexistente) principal monastério essênio nas proximidades do Mar Morto" (Huggins, 2019: 08). Mais adiante: "Evlissi não poderia ter ocupado os cargos nos mosteiros essênios descritos (por Gurdjieff) simplesmente porque nem os antigos Essênios, nem os Therapeutae, nem qualquer de seus mosteiros, continuaram a existir depois da Antiguidade". E, depois de analisar os trabalhos de vários autores que estiveram naquela região na última metade do século XIX, confluiu: "...é absolutamente claro que não existia mosteiro essênio em funcionamento

---

comunidade. Então ficam as perguntas, um monge que trabalha como comerciante e como vendedor de rosários é, na verdade, um monge? Qual o grau de renúncia monástica nesta atividade?

em qualquer lugar ao longo do Mar Morto naquela época" (Huggins, 2019: 12 e 14).

Além dos autores antigos e contemporâneos mencionados acima, Filo de Alexandria (15 a. e. c. – 50 e. c.) também falou de um grupo de essênios judeus chamado *Therapeutae* (Terapeutas), cuja maioria das comunidades são encontradas no Egito, perto de Alexandria, em uma colina próxima ao lago Mareotis. Estes Terapeutas são identificados com os Essênios por muitos autores. Também, o contemporâneo Édouard Schuré, autor de *Les Grands Initiés* (Os Grandes Iniciados), informou neste libro que os Essênios "tinham dois principais centros, um no Egito, nas margens do lago Maoris, o outro na Palestina, em Engaddi, perto do Mar Morto" (Schuré, 1920, vol. II, 288 e Huggins, 2019: 10). Gurdjieff pode ter retirado esta ideia dos autores acima como "base para a criação da moderna ficção sobre a carreira do padre Evlissi (Bogachevsky) entre os Essênios" (Huggins, 2019: 11). Enfim, o que Gurdjieff fez para criar a ficção sobre o sobrevivência dos Essênios foi "aproveitar algo geralmente conhecido sobre a localização da principal comunidade essênia nos tempos antigos e contemporizá-la na história do padre Evlissi (Bogachevsky) como assistente do abade lá" (Huggins, 2019: 09).

As Críticas Infundadas

Se acreditarmos nos relados de Gurdjieff, forjados em sua autobiografia (auto mitologia) e

nos relatos que fez nos anos seguintes para seus discípulos, somos levados à concluir que ele contatou diferentes tradições religiosas, bem como leu sobre muitas escolas esotéricas. Dentro do vasto universo de leituras e de contatos, ele condensou suas opiniões e, a partir de então, elaborou a sua doutrina e a sua prática do Quarto Caminho. A partir de suas opiniões preferencias, ele também emitiu críticas às doutrinas e às práticas de outros sistemas religiosos e místicos, algumas vezes de forma metaforicamente debochada, tal como é possível encontrar em seu livro, *Beelzebub's Tales to his Grandson: An Objectively Impartial Criticism of the Life of Man* (Relatos de Beelzebub ao seu Neto: uma Crítica Objetivamente Imparcial da Vida do Homem), 2 volumes. Estas críticas são numerosas tratando de diversas tradições religiosas e esotéricas, por isso limitaremos aqui a comentar, em seguida, apenas as suas opiniões e as suas críticas ao sistema do Yoga, mais especificadamente, aos exercícios de respiração e à energia *Kundalinī*, tão centrais na prática ióguica.

Antes de entrar propriamente no assunto das críticas, é preciso observar que, costumeiramente, a prática de criticar as ideias e as práticas de tradições rivais sempre foi muito frequente na cultura e na vida religiosa. Sempre existiu rivalidade religiosa. Cada lado pensava, e ainda pensa, convictamente, que estava, ou que ainda está, com a razão na discussão, com base apenas em crença, em opinião e em especulação partidárias, pois ainda não era muito difundido, no

passado, o método imparcial da Ciência, cuja diferença entre especulação e certeza factual é evidenciada. Em outras palavras, com raras exceções, ainda não era clara para muitos curiosos a distinção entre a especulação e a metódica investigação científica com instrumentação, ou seja, como conduzir imparcialmente uma investigação e uma análise. A natureza destas críticas se estende desde elaborados e elegantes argumentos até ofensas e agressões verbais de baixo escalão. No passado, Antiguidade e Idade Média, estes argumentos, em linhas gerais, tinham mais força persuasiva do que hoje, em razão do primitivismo das ciências e da timidez das filosofias laicas, cujas capacidades de demostrar a falibilidade dos argumentos de ambos os lados da rivalidade religiosa eram limitadas. Diante disto, o público era incapaz de perceber que ambos os lados podiam estar usando acusações e defesas com base em ideias que, no futuro, seriam consideradas obsoletas. Enfim, para simplificar, algo como a frase popular: “o sujo criticando o mal lavado”.

Este é o caso da subestimação e das críticas de Gurdjieff sobre o sistema Yoga, ou seja, ambos os sistemas, de Gurdjieff e do Yoga, com poucas exceções, são incompatíveis com as atuais ideias consolidadas das Ciências. Portanto, neste estudo abaixo, inicialmente, será apontado como as críticas de Gurdjieff não combinam com o que ensinam os livros e os instrutores de Yoga, tampouco com o que experimentam os seus praticantes para, em seguida, em um segundo

momento, apontar a obsolescência e a falibilidade científicas de ambos os sistemas, apesar dos clamores de compatibilidade com as Ciências pelos seus seguidores e pelos seus admiradores, uma vez que as fundamentações com a compatibilidade científica, quase a totalidade, são feitas a partir de pseudociências, longe do reconhecimento pelas cúpulas acadêmicas e científicas. Pois, nenhuma das mais prestigiadas revistas científicas (Nature, Science e Scientific American), bem como nenhuma das mais importantes editoras acadêmicas (Harvard University Press, Oxford University Press, Cambridge University Press, etc.), publica papers ou livros respectivamente com estas, e tantas outras, fantasiosas fundamentações pseudocientíficas.

O mais provável motivo para a subestimação de Gurdjieff ao sistema Yoga, bem como o seu repúdio pelas práticas deste sistema indiano, pode ser explicado pelo fato dele ter contatado majoritariamente, e mais intimamente, os sistemas oponentes a este sistema indiano, quais sejam, o Sufismo e outras tradições islâmicas de mística e de dança. A rivalidade entre o Islamismo e o Hinduísmo é historicamente bem conhecida, desde as primeiras invasões muçulmanas na Índia, nos séculos VII e VIII e. c., já aconteceram, ao longo da história, sangrentos conflitos entre os partidários destas duas religiões. Um dos mais sangrentos aconteceu, no século passado, logo após a libertação da Índia (1947) do domínio britânico, cujos hindus e muçulmanos se

enfrentaram em conflitos que tiraram as vidas de cerca de meio milhão de pessoas, durante o processo de desmembramento do Paquistão e de Bangladesh do território indiano, no ano de 1947. Portanto, em vista do seu estreito contato com sufistas, seria consequente que Gurdjieff desenvolvesse uma subestimação do sistema Yoga, apesar dele ter informado que realizou práticas ióguicas. Sobre o exercício de respiração, que ele ouviu um mestre dervixe chamar inapropriadamente de "respiração artificial", ele informou: "eu o pratiquei de acordo com as instruções dos iogues..." (Gurdjieff, 2002: 187s).

Um Dervixe Desinformado

Este episódio aconteceu durante um encontro de Gurdjieff com um mestre dervixe (Idem: 184s), cujo instrutor, em um primeiro momento, desaconselha Gurdjieff de sua prática, supostamente ióguica, de mastigar o alimento muitas vezes antes de engoli-lo, alegando que esta prática tem efeitos prejudiciais à saúde. Pois, Gurdjieff revelou em sua autobiografia; "Eu devo recordar vocês de que naquela época eu era um ardente seguidor dos famosos iogues indianos e cumpria muito exatamente todas as indicações do que era chamado de *Hatha Yoga*, e quando comia, eu tentava mastigar minha comida tão completamente quanto possível" (Idem: 185). Entretanto, o curioso é que esta prática de mastigação prolongada não é enfaticamente orientada pelos instrutores de Yoga, tampouco é

comum nos livros de disciplina ióguica[4]. Esta prática é comum entre os praticantes da Macrobiótica Chinesa.

Em um segundo momento, o desinformado mestre dervixe desaconselha Gurdjieff de suas práticas de “respiração artificial”, alegando as razões que comentaremos em seguida. Bem, antes de comentar as principais dissuasões apontadas por este dervixe, é preciso esclarecer que, do ponto de vista ióguico, a prática de controle da respiração, conhecida na tradição Yoga como प्राणायाम (*prāṇāyāma*), não pode ser uma “respiração artificial”, uma vez que, habitualmente, não respiramos naturalmente, portando é nossa respiração habitual que é “artificial”, por ser um respiração tensa, pois a respiração natural é a respiração relaxada. Por isso, a prática do relaxamento deve ser executado antes de iniciar o *prāṇāyāma*, a fim de que o praticante aprenda, com o sucessivo treinamento, a substituir a respiração artificial tensa pela respiração natural relaxada. Swami Niranjanananda Saraswati explicou: “O primeiro passo no *prāṇāyāma* é ajustar o ritmo da respiração. Um ritmo lento e suave usualmente indica um estado relaxado do corpo e da mente. A respiração irregular usualmente significa tensão. Na ansiedade, a respiração é superficial e

---

[4] Muito raramente é possível encontrar um praticante de Yoga instruindo alguém a mastigar 108 vezes antes de engolir o alimento, este é um número sagrado no Hinduísmo, muitos *mantras* são repetidos 108 vezes.

acelerada; na irritação, ela é curta e forçada; na aflição, ela é arrítmica e ofegante; e na depressão, ela é suspirante. A respiração irregular está também associada com as neuroses e com os estados mentais perturbados. Já foi observado que a exalação (do ar) é desigual e incompleta em certos tipos de neurose. Por outro lado, a respiração rítmica e lenta cria sentimentos de relaxamento, ondas cerebrais alpha e reduzida tensão muscular. Os ritmos da respiração se relacionam com os ritmos cerebrais, com os batimentos cardíacos, com a tensão muscular, com os ritmos mentais e emocionais, com os ritmos hormonais e enzimáticos, com o sono e a vigília, todos com variantes frequências e intensidades. (...). O *prānāyāma* conduz ao despertar de uma força rítmica dentro do corpo e da mente. Quando alguém torna-se ciente dos ciclos vitais do corpo, este alguém começa a trabalhar mais otimamente. Simultaneamente, a mente pode ser treinada a controlar estas forças, com isso abrindo áreas da consciência que estão além a percepção e do controle normais" (Saraswati, 2009: 111-2).

B. K. S Iyengar classificou quatro tipos de respiração, conforme a capacidade pulmonar de absorver o ar, as três primeiras são respirações parciais e a quarta a respiração total:

a) A respiração alta ou clavicular, quando os músculos no pescoço ativam principalmente as partes superiores dos pulmões.

b) A respiração mediana ou intercostal, quando somente as partes centrais dos pulmões são ativadas
c) A respiração baixa ou diafragmática, quando somente as partes baixas dos pulmões são ativadas.
d) A respiração total ou prānāyāmica, quando os pulmões inteiros são utilizados em sua mais completa capacidade (Iyengar, 1993: 21).

As três primeiras correspondem à nossa destreinada respiração habitual e tensa, a quarta é a respiração treinada e completa, por isso é mais relaxante. Esta última é alcançada através da respiração abdominal, os praticantes de Yoga aprendem a respirar utilizando a capacidade máxima dos pulmões de absorver o ar, através da dilatação e da contração do abdômen durante a inspiração e a exalação do ar respectivamente, a fim de que o ar inspirado preencha todos os pulmões, de forma lenta e profunda, de modo que o ar não seja absorvido apenas por uma parte do pulmão. O sentimento de relaxamento, através da respiração abdominal, pode ser sentido pelo praticante logo nos primeiros exercícios, pois é facilmente notado o alívio da respiração forçada e tensa. Ele também ensinou como remover a tensão: “Primeiro aprenda a relaxar as costas do corpo desde o tronco até o pescoço, braços e pernas. Em seguida, relaxe a parte frontal do corpo desde a púbis até a garganta, onde perturbações emocionais acontecem, e então desde o pescoço até a coroa da cabeça. Deste modo, aprenda a relaxar o corpo inteiro” (Iyengar,

1993: 246). E mais, “Quando os músculos faciais relaxam, eles livram a tensão sobre os órgãos da percepção, isto é, os olhos, os ouvidos, o nariz, a língua e a pele, com isso diminuindo a tensão no cérebro. Quando a tensão é diminuída, o *sadhaka* (discípulo) atinge a concentração, a equanimidade e a serenidade” (Idem: 15). A mera percepção da respiração habitual e irregular é suficiente para percebermos a sua artificialidade. Swami Niranjanananda Saraswati observou: “A respiração consciente tem um efeito calmante na mente. Mesmo a simples percepção da respiração, sem exercer algum controle sobre o padrão natural da respiração, induzirá um ritmo relaxante e regular da respiração. Este é um método efetivo de aquietar uma mente tensa” (Saraswati, 2009: 111). Portanto, a breve explicação acima é o bastante para perceber que a denominação “respiração artificial”, para os exercícios preparatórios ao *prānāyāma,* é inapropriada, uma vez que, ao contrário do que instruiu o mestre dervixe, é a respiração automática, a qual praticamos habitualmente em nossa rotina, a que é artificial, incompleta, tensa e irregular.

Agora, observe a contestação frontalmente contrária aos ensinamentos da Yoga, pelo mestre dervixe, dissuadindo Gurdjieff de continuar com suas práticas de “respiração artificial”: “Quando você respira no modo comum, você respira mecanicamente. O organismo, sem você, absorve do ar a quantidade de substância que ele necessita. Os pulmões são construídos de tal maneira que eles estão acostumados a trabalhar

com uma definida quantidade de ar. Mas, se você aumenta a quantidade de ar, a composição do que passa pelos pulmões é alterada, e os processos internos seguintes de misturar e de equilibrar devem também inevitavelmente ser alterados. Sem o conhecimento das leis fundamentais da respiração, em todos os seus detalhes, a prática da respiração artificial deve inevitavelmente conduzir, muito lentamente, mas não menos certamente, à autodestruição" (Gurdjieff, 2002: 188). Um praticante do *prāṇāyāma* prontamente contestaria esta observação acima, justificando que é descabido considerar que a respiração comum e automática, realizada de maneira incompleta e irregular, com tensão e superficialidade, portanto curta, forçada, arrítmica, ofegante, estressante e suspirante, seja mais saldável do que a respiração relaxante, regular, profunda, livre de tensões e de perturbações emocionais, ensinada pelos iogues como preparação para o *prāṇāyāma* e para a meditação

Se na segunda metade do século XIX, época da ocorrência deste diálogo, o conhecimento sobre o ar e o sistema respiratório era precário, em comparação com o de hoje, até mesmo entre os cientistas daquela época, agora imagine a precariedade científica de um dervixe, sem formação científica, tentando ensinar sobre este assunto. De modo que, o ensinamento deste dervixe sobre a respiração artificial, que será comentado abaixo, é o que hoje chamamos de "achismo", uma vez que ele não citou exemplos e nem provas científicas em favor do que

argumentava, portanto pura retórica sem fundamentação. E ele continuou com seu achismo, apontado mais prejuízos na prática do que ele denominou de respiração artificial: “Você deve ter em mente que, além das substâncias necessárias para o organismo, o ar possui outras que são desnecessárias e até mesmo danosas. Então, a respiração artificial, isto é, uma modificação forçada da respiração natural, facilita a penetração no organismo destas numerosas substâncias no ar que são prejudiciais à vida, e ao mesmo tempo, perturba o equilíbrio quantitativo e qualitativo das substâncias úteis” (Gurdjieff, 2002: 188). Ora, se existem substâncias prejudiciais ao organismo no ar, não será o exercício de respiração que será a causa para tal prejuízo, mas sim a qualidade do ar no ambiente onde alguém está respirando. Ele não especificou quais são as substâncias danosas e quais as substâncias úteis no ar. Em função da qualidade do ar ambiente, os iogues aconselham que as práticas de respiração sejam executadas nos horários quando a ar está mais limpo, ou seja, antes do sol nascer ou à noite. Esta é uma das razões pela qual os mosteiros e os ashramas de meditação são construídos em locais distantes dos aglomerados urbanos, ou seja, para silêncio e ar puro. Embora praticada há séculos, não existe registro de caso em que o praticante de exercícios preparatórios ao *prāṇāyāma* tenha se prejudicado com a prática em ambiente de ar puro, por isso o dervixe não citou exemplos. Ao contrário, a prática é tão benéfica que, aos poucos, está sendo introduzida nos

tratamentos médicos de algumas doenças como suplemento ao tratamento principal, pelas redes estatais de saúde. Isto já está acontecendo em algumas Secretarias de Saúde e no Sistema Único de Saúde no Brasil.

E ele continuou: “A respiração artificial, isto é, uma modificação forçada da respiração natural, facilita a penetração no organismo destas numerosas substâncias no ar que são prejudiciais à vida...”. Ora, da mesma maneira, os pulmões não possuem um sensor, algo como um seletor, para facilitar ou obstruir tudo que inspira, eles possuem apenas os filtros de poeira, através dos cílios nasais e na traqueia. Então, se o ar ambiente contém mais gás carbônico e menos oxigênio, os quais são capazes de atravessar os cílios nasais e os da traqueia, logo os pulmões absorverão mais gás carbônico e menos oxigênio, e vice versa. Mais uma vez, a culpa não é do exercício respiratório, mas sim da qualidade do ar ambiental respirado. De maneira que, mesmo aquele que não pratica os exercícios de respiração, também será afetado pela má qualidade do ar ambiente.

Depois de emitir algumas obscuras relações cientificamente infundadas entre os órgãos do corpo humano, tal como: “a respiração artificial também perturba a proporção entre a soma de alimento obtida do ar e a soma obtida e todos os nossos outros alimentos. Por isso, ao aumentar ou diminuir a obtenção de ar, você precisa correspondentemente aumentar ou diminuir a soma das outras espécies de alimentos,

e para manter a correta proporção, você precisa ter uma plena compreensão do seu organismo". Os instrutores e os livros de Yoga prescrevem uma dieta específica para o praticante de *prāṇāyāma,* adaptável e restringível conforme o estágio cujo praticante estiver trabalhando. Ele em seguida foi mais longe ainda: "Numerosos males surgem apenas desta respiração artificial. Em muitos casos, ela conduz ao alargamento do coração, à compressão da traqueia, ou ao dano no estômago, no fígado, nos rins e nos nervos. Muito raramente acontece de alguém que pratica a respiração artificial não se prejudicar irreparavelmente, e este raro caso acontece somente se ele paralisa a prática a tempo. Quem quer que faz isto por um longo tempo invariavelmente tem resultados deploráveis" (Gurdjieff, 2002: 189). Bem, o *prāṇāyāma*, que este dervixe denominou impropriamente de "respiração artificial", tal como contestamos anteriormente, é praticado há séculos, mesmo depois deste longo tempo, não encontramos na literatura médica menções daqueles que foram prejudicados por esta prática, desde que praticado sob a orientação de um instrutor experiente e em local de ar puro. Muito pelo contrário, tal como já mencionamos, a prática é recomendada por médicos, acompanhada do exercício de relaxamento e de meditação. Em suma, o *prāṇāyāma* melhora a respiração, acalma a mente, complementa o relaxamento e prepara para a meditação.

Dizer tudo que este dervixe disse e contestou, sem especificar exemplos, sem apresentar provas e sem incluir constatação científica, é mais pregação retórica do que argumentação razoável. Algo como ensinar um assunto científico através de uma mentalidade religiosa por meio da autoritária imposição de convicções pessoais. Pois, aonde estão os exemplos, nos registros hospitalares e na literatura médica, de que praticantes do controle da respiração tiveram casos de “alargamento do coração”, de “compressão da traqueia”, de “dano no estômago, no fígado, nos rins e nos nervos”? Para falar com tanta autoridade, ele se baseou em algum levantamento médico? Ora, se o exercício ióguico de respiração proporcionasse tanto mal assim, as consultas médicas, as internações hospitalares e a literatura médica estariam repletas de registros destes casos, fatos que seriam até notícia e motivo de reportagens pela imprensa, uma vez que o número de praticantes, pelo mundo afora, foi grande e, agora, maior ainda do que no passado, em virtude do aumento da popularidade do Yoga.

Os argumentos em defesa das práticas ióguicas de respiração acima foram extraídos do que ensinam os praticantes de Yoga e dos conhecimentos científicos que possuímos hoje sobre o sistema nervoso, a respiração, a qualidade do ar, o meio ambiente e o organismo em geral. Portanto, apenas pelo fato de que os argumentos do dervixe não concordam com as atuais constatações científicas, não significa que

devemos, em contrapartida, ser levados a acreditar na veracidade de todas as teorias ióguicas e na completa eficiência das práticas do *prāṇāyāma*, bem como em tudo que é ensinado sobre o tema. Portanto, do mesmo modo que o mestre dervixe emitiu argumentos que não são comprovados cientificamente, as teorias e as práticas de Yoga, salvo algumas exceções, também não apresentam sustentação científica em tudo que ensinam, pois a maioria das especulações divulgadas e das provas apresentadas, de ambos os lados (Yoga e Sufismo), é entendida hoje como crendice e pseudociência respectivamente, apesar da insistência afirmativa dos seus defensores. Em outras palavras, ambos os lados preservam seus poucos acertos e, ao mesmo tempo, acumulam os seus muitos desacertos, em contraste com as mais consolidadas ideias científicas constatadas subsequentemente sobre a respiração.

A Energia *Kundalinī* Percebida ao Contrário

Também, para compreender os temas ióguicos comentados e, até mesmo em algumas passagens, debochados por Gurdjieff, é preciso ter sempre em mente a influência da rivalidade islâmica com o Hinduísmo, tal como já foi observado acima, que ele absorveu de seus contatos com o Sufismo. A energia de *Kundalinī*, tão sagrada para os iogues e para os tântricos, foi entendida como um órgão, ao invés de uma energia latente, então apelidada debochadamente

de “*Kundabuffe*r”, um termo inventado por Gurdjieff, que combina as primeiras letras do termo *Kundalinī* com a palavra inglesa “buffer” (amortecedor, para-choque), de forma que podemos conjecturar que a intenção foi passar a ideia de que este órgão *Kundabuffer* foi instalado no homem a fim de amortecer ou neutralizar os choques tão necessários [5] para o despertar espiritual do homem, tema tão central nos ensinamentos e nas práticas do Quarto Caminho, tal como narrada em seu livro satírico *Beelzebub’s Tales to his Grandson: An Objectively Impartial Criticism of the Life of Man* (Relatos de Beelzebub a seu Neto: Uma Crítica Objetivamente Imparcial da Vida do Homem).

Sobre a instalação do órgão *Kundabuffer* (*Kundalinī*) nos homens, em um passado distante, Gurdjieff satirizou da seguinte maneira: “... a Mais Alta Comissão[6] então decidiu, entre outras coisas, provisoriamente, implantar nas vidas comuns dos seres de três cérebros[7] um órgão especial com

---

[5] Nos ensinamentos de Gurdjieff, estes são os choques psicológicos necessários para o despertar do homem adormecido de seu sono acordado.

[6] Uma imaginária comissão de guias espirituais da Terra.

[7] Estes são os seres adormecidos, aqueles que ainda não despertaram o quarto cérebro, ou seja, a Consciência Objetiva. Os três cérebros são: o Centro Motor, o Centro Emocional e o Centro Intelectual, predominantes naqueles que ainda não despertaram o Quarto Centro, através do desenvolvimento da Consciência de Si.

uma propriedade [8] tal que, primeiro, eles perceberiam a realidade de cabeça para baixo e, em segundo lugar, que cada impressão repetida do exterior deveria se cristalizar neles a impressão que produziriam fatores para evocar neles as sensações de prazer e de gozo. (...) ... eles fizeram crescer nos seres de três cérebros, de um modo especial, na base de suas colunas espinhais, na raiz de sua cauda[9], a qual eles também, naquela época, ainda possuíam. (...) ... E este algo eles então chamaram no início de ‘o órgão *Kundabuffer*’.[10] (...) ... você deveria saber sobre as várias manifestações dos seres de três cérebros daquele planeta, não só durante o período quando este órgão *Kundabuffer* existiu em suas vidas, mas também durante os períodos posteriores, quando, embora este impressionante órgão e suas propriedades tinham sido destruídos neles, não obstante, devido a muitas coisas, as consequências de suas causas tinham começado

---

[8] A principal propriedade deste órgão era o poder da fantasia e da imaginação, ou seja, a propriedade de manter o homem “sonhando acordado”, conforme a linguagem do Quarto Caminho de G. I. Gurdjieff.

[9] Referência à कुण्डलिनी (*Kundalinī*) que, segundo os textos e os praticantes de Yoga, está localizada adormecida na base da coluna vertebral.

[10] Os livros de Tantra Yoga e outros nunca se referiram à कुण्डलिनी (*Kundalinī*) como um órgão, mas sim como uma energia adormecida que pode ser despertada com as práticas de Yoga, após a purificação dos नाड्यः (*nādyah*, plural de नाडी *nādī* - canal de energia)

a se cristalizarem em suas vidas” (Gurdjieff, 1973: vol. I, 88-9).

Metaforizando sobre um líder fictício e uma comunidade imaginária, Gurdjieff adicionou mais deboches ao *Kundabuffer*, atribuindo nefastas consequências àqueles dotados com este maligno órgão: “Mas, como eu já disse, as mencionadas consequências do órgão *Kundabuffer*, que tinha naquela época sido inteiramente cristalizado em alguns de seus súditos, ele teve de empregar todas as espécies possíveis de ameaça e de risco, a fim de extrair de cada um tudo que foi cobrado para a grandeza da comunidade confiada a ele. (...). Os súditos daquela comunidade, principalmente, lógico, aqueles em quem as tristes consequências das propriedades do órgão *Kundabuffer* já tinham sido cristalizadas, não só cessaram de pagar para o tesouro do rei Appolis o que era cobrado, mas eles mesmos começaram gradualmente a pegar de volta o que tinham sido depositado antes” (Idem: 114). Primeiramente, é preciso esclarecer que este *Kundabuffer* (*Kundalinī*) é inapropriadamente denominado de “órgão”, pois para os iogues, *Kundalinī* é uma energia latente no organismo e não um “órgão”, tal como será analisado mais adiante.

Seria extenso mencionar todos os deboches metafóricos que Gurdjieff pronunciou sobre a *Kundalinī* (*Kundabuffer*) nesta sua extensa obra menciona acima, portanto, em seguida, iremos nos limitar à abordagem mais séria e mais didática sobre o assunto encontrada em *In Search of the Miraculous: Fragments of an Unknown*

Teaching (Em Busca do Milagroso: Fragmentos de um Ensinamento Desconhecido), uma coletânea de palestras de G. I. Gurdjieff reunida por seu importante discípulo, depois dissidente da instituição, mas não das ideias e das práticas, P. D. Ouspensky. De uma maneira mais didática, ele expôs sua opinião sobre *Kundalinī* assim: “Na assim chamada literatura ‘oculta’, você provavelmente já encontrou a expressão ‘kundalini’, ‘o fogo de kundalini’ ou a ‘serpente de kundalini’. Esta expressão é frequentemente usada para designar alguma espécie de força estranha, a qual está presente no homem e que pode ser despertada. Mas, nenhuma das conhecidas teorias fornece a correta explicação da força de kundalini. Algumas vezes, ela é relacionada ao sexo, com a energia sexual, isto é, com a ideia da possibilidade de usar a energia sexual para outros propósitos. Esta última é inteiramente errada, porque kundalini pode estar em qualquer coisa. E, sobretudo, kundalini não é algo desejável ou útil para o desenvolvimento do homem. É muito curioso como estes ocultistas têm se apossado da palavra de algum lugar, mas têm alterado completamente o seu significado, e de uma coisa terrível e muito perigosa, a têm transformado em algo esperançoso e desejado como algo abençoado”.

“Na realidade kundalini é o poder da imaginação, o poder da fantasia, o qual assume o lugar da função real. Quando um homem sonha no lugar de agir, quando seus sonhos assumem o lugar da realidade, quando um homem se imagina

ser uma águia, um leão ou um mago é a força de kundalini atuando nele. Kundalini pode atuar em todos os centros (psicológicos), e com sua ajuda todos os centros podem ser satisfeitos com a imaginação ao invés do real. Uma ovelha que se considera um leão ou um mago vive sob o poder da kundalini. Kundalini é uma força colocada nos homens a fim de mantê-los em seu estado atual. (...) Kundalini é uma força que os mantém em um estado hipnótico. Despertar para o homem significa ser deshipnotizado" (Ouspensky, 1957: 220).

Primeiramente, o que é preciso observar é o fato de que as descrições e as explicações sobre *Kundalinī* nos livros e nos relatos das experiências dos iogues, quando analisados criticamente, são ora coincidentes e ora divergentes entre si, assim como os itens relacionados à ela, tais como os *Nādīs*, os *Chakras*, os *Prānas*, etc., pois divergem quanto à natureza, à localização, à função, à forma e ao número. Por exemplo, quanto ao número de *nādīs,* os textos divergem da seguinte maneira. O *Varāha Upanishad* afirma que os *nādīs* compenetram o corpo desde as solas dos pés até a coroa da cabeça (Iyengar, 1993: 32). O *Kshurikā Upanishad* (verso 17)[11], o *Brahmavidyā Upanishad* (verso 12),

---

[11] Este *upanishad* menciona, neste mesmo verso 17, através de uma metáfora estranha, tentando transmitir uma ideia de suporte, que o canal *Sushumnā* (o principal *nādī*) é o travesseiro (तैतिल - *taitila*) sobre o qual descansam os 72 mil *nādīs*.

o *Hatha Yoga Pradipika* (III.123) e o *Goraksha Samhitā* mencionam a existência de 72 mil *nādīs* (canais de energia – *prāna)* no corpo, o *Prapanchasara Tantra* fornece o número de 300 mil e o *Shiva Samhitā* afirma que 350 mil *nādīs* emergem do centro (*chakra*) do quadril e que 14 deles são importantes (Saraswati, 2009: 37). O *Kshurikā Upanishad*, verso 15, menciona que 101 *nādīs* são os melhores deles e o *Chandogya Upanisahd* (VIII.06.06) menciona que 101 *nādīs* (शतं चैका च हृदयस्य नाड्यः – *shatam chaikā cha hrdayasya nādyah*) partem do coração (*hrdaya*).

Ademais, outro fator complicador, além das divergências nos textos originais em Sânscrito, é a discrepância nas traduções para as línguas contemporâneas. Alguns tradutores procuram usar termos modernos e, às vezes, linguagem científica, com a intenção de atribuir atualidade e caráter científico para os antigos temas do Yoga, mais flagrantemente encontramos comparações e correspondências entre o atual conhecimento fisiológico sobre o sistema nervoso e a imaginativa fisiologia sobrenatural do Yoga, nas traduções de obras antigas compostas na Antiguidade ou na Idade Média. O uso precipitado de termos contemporâneos leva alguns tradutores a cometer anacronismos nas traduções, tais como as menções de ideias e de objetos inexistentes no passado. Por exemplo, a tradução do antigo termo sânscrito विद्या (*vidyā*) como “Ciência” é problemática, diante das transformações que o conceito de ciência sofreu ao longo dos séculos.

Por isso abundam os livros e os artigos com os títulos de “A Ciência do Yoga”, “A Ciência do *Prānayāma*”, etc. De modo que, o que se entende por ciência hoje é muito diferente da ideia de ciência dos antigos hindus. Ao traduzir *vidy*ā por ciência, o leitor ou o ouvinte é levado a pensar que o conhecimento da primitiva ciência dos antigos hindus era semelhante a aquele da ciência moderna, com todas as suas incontáveis descobertas posteriores, com toda a atual instrumentação tecnológica, com os mesmos sofisticados laboratórios, com o mesmo rigor metodológico, etc. Então, o leitor atual é induzido a acreditar que os antigos hindus conheciam o *Big Bang*, os buracos negros, o DNA, a Mecânica Quântica, as células-tronco, a energia escura, o Genoma, a Teoria da Relatividade, etc., sobretudo quanto é utilizada a tradução “Ciência do Todo”, muito frequente nos livros hindus e esotéricos.

Outro exemplo problemático é o frequente emprego do termo “Filosofia” para traduzir ou interpretar o que, para a concepção atual, é pura especulação dos antigos. Portanto, muitos tradutores e intérpretes dos antigos textos hindus confundem “Filosofia” com “Especulação”, geralmente ao traduzirem o termo दर्शन (*Darshana*), que literalmente significa “visão” ou “percepção”, portanto melhor traduzido por “visão de mundo” resultante de especulação e de conjectura. Tradicionalmente, o termo é atribuído aos Seis

Sistemas Especulativos Hindus [12] (*Nyāya, Vaisheshika, Sāmkhya, Yoga, Mīmānsa* e *Vedānta*). Assim, é frequente encontramos livros e artigos com o título de “Filosofia Indiana”, o que seria mais preciso denominá-los de “Especulação Indiana”, uma vez que possuem muito pouco debate, e o debate é inseparável da Filosofia. Pois, sabemos que a Filosofia é uma prática que atravessou muitas alterações no seu conceito ao longo dos séculos, foi de tal maneira na Grécia Clássica, diferente na Idade Média, distinto na Idade Moderna e mais diferente ainda na Idade Contemporânea. De modo que a Filosofia atual é muito distinta daquilo que os antigos hindus especulavam. Enfim, com estas traduções anacrônicas, as interpretações inevitavelmente divergem de um autor para outro, bem como de um instrutor para outro.

Voltando ao assunto da *Kundalinī,* tentando extrair a partir do que é mais consensual entre os autores e os praticantes, a identificação de *Kundalinī* com a imaginação, apontada por Gurdjieff é inexistente nos textos tântricos e nos textos de Yoga, como veremos, pois *Kundalinī* é, a rigor, o contrário da imaginação ou do sonho acordado, visto que é necessário o absoluto controle e o total silêncio dos pensamentos para despertá-la: Ele disse, “Na realidade kundalini é o poder da imaginação, o poder da fantasia, o qual assume o lugar da função real. Quando um

---

[12] Mais comumente traduzidos exaltadamente por “Seis Sistemas de Filosofia Hindus”.

homem sonha no lugar de agir, quando seus sonhos assumem o lugar da realidade, quando um homem se imagina ser uma águia, um leão ou um mago é a força de kundalini atuando nele”. E mais adiante, um exemplo cômico: “uma ovelha que se considera um leão ou um mago vive sob o poder da kundalini”. Ora, uma ovelha que se imagina ser um leão ou um mago precisaria de um cérebro humano, com um desenvolvido córtex frontal, uma vez que o cérebro de uma ovelha não possui esta região cerebral desenvolvida. O que Gurdjieff fez foi confundir *Kundalinī* com a associação de *prāna* com *chitta*, o que provoca a चित्तवृत्ति -*chitta vrtti* (modificação mental, desvio da atenção, operação mental ou transformação do pensamento). *Patanjali* definiu o Yoga assim: योगश्चित्तवृत्तिनिरोधः – *yogashchittavrttinirodhah* (*Yoga Sūtra*, I.02), isto é, Yoga é a “supressão das modificações mentais”, ou seja, a conquista da total concentração a fim de alcançar o समाधि - *samādhi* (transe). Gurdjieff confundiu a associação inseparável entre a energia *prāna* e a *chitta* (mente). O *Hatha Yoga Pradipika* (II.02) afirma que “quando a *prāna* se move, a *chitta* (a força mental) se move. Quando *prāna* está imóvel, a *chitta* também fica imóvel. Através disto (a firmeza da *prāna*), o iogue atinge firmeza e deve assim reter o *vāyu* (ar)”. Swāmi Muktibodhānanda explicou assim: “*Prāna* e a mente estão intrinsicamente ligadas. A movimentação de uma significa a movimentação da outra” (Muktibodhānanda, 2006: 150). B. K. S. Iyengar escreveu: “*Chitta* e *prāna* estão em

constante associação. Onde existe *chitta*, aí também *prāna* está presente e onde *prāna* está, também *chitta* está presente. A *chitta* (mente) é semelhante a um veículo impulsionado por duas forças poderosas, *prāna* e *vāsanā* (desejos). Ela (a mente) move na direção da força mais poderosa. (...). Se o controle da respiração (*prāna*) prevalece, então os desejos são controlados, os sentidos são mantidos sob domínio e a mente é acalmada" (Iyengar, 1993: 13). Em outras palavras, quando a *prāna* (respiração) está agitada, por exemplo, por irregularidade respiratória ou por esforço físico exagerado, a mente também se torna agitada, e quando a mente está agitada, por exemplo, por algum motivo emocional ou nervoso, a *prāna* (respiração) se torna agitada também. Quando dormimos, o ritmo da respiração é diminuído consideravelmente. E Gurdjieff disse também, "quando um homem se imagina ser uma águia, um leão ou um mago é a força de kundalini atuando nele". Mais precisamente, isto não é imaginação, mas sim delírio, imaginação não é exatamente o mesmo que delírio, pois a imaginação é uma experiência mais abrangente e possui um lado benéfico, qual seja, a criatividade, não existe criatividade sem imaginação, uma precisa da outra. Em contrapartida, o delírio é "a convicção errônea baseada em falsas conclusões extraídas dos dados da realidade exterior", esta experiência poderá incluir a imaginação, mas a experiência de imaginação é mais abrangente do que a experiência de delírio. Alguém que cria um invento

muito formidável e útil, precisou da imaginação para criá-lo, mas não precisou delirar. Enfim, tal como ensinam os iogues, para despertar a *Kundalinī*, é preciso, impreterivelmente, suprimir o movimento da mente (*chittavrtti*) e, consequentemente, a imaginação, portanto o contrário do que Gurdjieff “imaginou”.

Os Deuses e as Deusas Lunares

Os povos antigos desenvolveram uma curiosidade sobre a Lua que diferenciava a do Sol. Enquanto o Sol nasce, alcança seu apogeu na metade do dia e depois se põe, sem sofrer alteração na sua forma e no seu brilho, a Lua, por sua vez, aparece da escuridão, cresce lentamente (Lua Crescente) até alcançar a forma de um disco prateado (Lua Cheia) e depois diminui o seu tamanho gradualmente (Lua Minguante), até desaparecer novamente por três dias (Lua Nova). Estes fenômenos eram intrigantes para os antigos. Muito peculiar a quase todos os povos antigos, a tentativa de explicar a origem e o papel da Lua foi através da criação de mitos. De modo que a humanidade percebeu nestas mutações da Lua a própria reprodução do ciclo de sua vida: pois o homem nasce, cresce, alcança a fase adulta, envelhece e depois morre. Assim, este ciclo mensal da Lua exerceu um fascínio na imaginação do homem. Consequentemente, então, por milhares de anos, uma vasta, confusa, fantasiosa, rica e mutável mitologia se desenvolveu em torno da Lua em diferentes povos da Terra, a partir de

personificações e de representações mitológicas da Lua através de deuses e de deusas. Então, a uma recebeu personalidade, atribuíram à ela poderes, desejos e sentimentos, e por fim, a adoraram através de ritos e de festivais. A Lua se transformou em uma reverenciada divindade religiosa. Enquanto alguns povos personificaram a Lua na forma de deuses, outros povos a personificaram na forma feminina, de deusas. Estas mitologias tentavam explicar o que acontecia no céu. Por exemplo, uma das mais antigas representações divinas da Lua foi a do deus mesopotâmico *Sin* (*Nanna*), adorado desde 5 mil anos a. e. c., na cidade mesopotâmica de Ur, como um deus lunar.

Os antigos egípcios também representaram a Lua através do deus *Khonsu*, o deus egípcio da Lua, o qual é representado com a cabeça de um falcão, adornado com um disco da lua cheia e da lua crescente. *Thoth* também é, às vezes, mencionado como um deus lunar, por isso é, em algumas imagens, representado com um disco lunar sobre a sua cabeça. Os gregos personificaram a Lua através da deusa Σεληνη - *Selene*, também identificada com Αρτμις - *Artemis*, outra nome para a deusa da Lua foi *Kynthia* (*Cynthia)*. Πανδια - *Pandia*, filha de *Selene* e *Zeus*, representava as fases da Lua. Os romanos adoraram *Diana*, a deusa romana da Lua, derivada da *Artemis* grega, a qual mais tarde foi identificada com *Luna*, a antiga deusa lunar. Também, *Juno*, a personificação romana do ciclo lunar. Para os hindus, चन्द्र - *Chandra* é a própria

Lua e a sua representação como um deus, uma vez que na mitologia hindu a Lua é masculino, bem como existe uma hoste de deuses, deusas, reis e heróis pertencente à dinastia lunar. Quanto à origem da Lua, os textos mitológicos divergem. O *Rg Veda* X.90.13, por exemplo, menciona que a Lua (*Chandra*) nasceu da mente do *Purusha* (o Homem Cósmico) e que o Sol nasceu do seu olho (Brereton and Jamison, 2014: vol. III, 1540 e Stutley, 1977: 60). O *Vishnu Purāna* I.09 menciona que a Lua (*Chandra*) foi criada durante a Condensação do Oceano de Leite, um mito que afirma que o mundo foi criado a partir da condensação do oceano (Stutley, 1977: 60). O *Shatapatha Bhrāmana* IX.01.02.39, através de uma afirmação um tanto incompreensível (talvez redação confusa ou dificuldade na tradução), afirma que "o (sacrifício) *Yajnāyajniya*, sem dúvida, é a Lua, pois sempre quando um sacrifício torna-se completado, a essência da suas oferendas sobem até ele[13] (a Lua); e uma vez que, sacrifício após sacrifício (*yajna*), sobe até ele, a Lua é o *Yajnāyajniya*, ele assim faz a Lua sua cauda (de *Agn*i), e esta cauda sua ele assim faz invertebrado e imortal" (Eggeling, 1993: part IV, 179). Em outra passagem mais clara desse mesmo texto (VI.01.02.04), a origem da Lua é descrita com mais lucidez: "Ele (*Prajāpati*) desejou: Que isto se multiplique, que isto se reproduza. Por meio do Sol, ele entrou em união com o Céu, daí um ovo

[13] चन्द्र - *Chandra* (Lua) na mitologia hindu é um substantivo masculino.

surgiu. Ele o tocou, dizendo ‘gere a sua semente’. Dela (a semente) a Lua foi criada, pois ele (a Lua) é semente. E a lágrima que se formou tornou-se aquelas estrelas ...” (Eggeling, 1993: part III, 149; Stutley, 1977: 60 e Hillebrandt, 1980: vol. I, 198). Os hindus adoram a Lua Cheia (पूर्णिमा – *Pūrnimā)*, um dos principais festivais é o वैशाख पूर्णिमा - *Vaishākha Pūrninā*, correspondente à Lua Cheia de abril/maio, o qual marca o início do ano novo em muitas regiões da Índia. O deus *Shiva* é representado com uma Lua crescente ao lado da sua testa. *Chang’e* é a deusa chinesa da Lua. Estes e estas são apenas algumas das muitas representações mitológicas da Lua, em algumas das culturas mais desenvolvidas da Antiguidade, enumerar todas, incluindo as culturas menores, exige muito mais espaço aqui, portanto para uma relação mais completa e aprofundamento, ver: Stroud, 2009: 114-36.

Mitos Lunares

Os mitos sobre a Lua abundam em fantasias nas culturas da Antiguidade. Um mito chinês sobre um criador distraído, o qual se esqueceu de colocar o Sol e a Lua no céu, relata que “no princípio nada existia, somente caos. Então *Pan Ku* nasceu, o filho de *Yin* e *Yang*, os poderes duais da natureza. Por 18 mil anos, ele criou o universo, o Céu, a Lua, as estrelas, e a Terra. Mas ele se esqueceu de colocar o Sol e a Lua no Céu. Ao invés, eles foram para o Mar de

Han, deixando o mundo na escuridão. O Administrador do Tempo foi enviado pelo Imperador Terrestre para fazer o Sol e a Lua se moverem através dos céus, mas eles recusaram. No fim, Buda interferiu. Ele ordenou *Pan Ku* escrever o caractere do Sol na sua mão esquerda e o caractere da Lua na sua mão direita. Ele foi então instruído a se dirigir para o Mar de *Han* e erguer sua mão direita para invocar o Sol e a sua mão esquerda para invocar a Lua. Ele executor o ritual sete vezes. O Sol e a Lua ocuparam os seus lugares no Céu, e dividiram a escuridão em dia e noite" (Stroud, 2009: 137-8).

No Hinduísmo, ainda mais vasta que a mitologia de *Chandra* é a mitologia de सोम - *Soma*, algumas vezes denominado सोमदेव - *Somadeva*, cuja identificação com a Lua também aconteceu (ver: Stutley, 1977: 59—60 e 284; Hillebrandt, 1980: 185-207 e wisdomlib.org). Esta identificação é feita assim no *Shatapatha Bhrāmana* I.06.04.05: "Os deuses disseram: 'Nada exceto *Soma* o satisfará (*Prajāpati*), que nós preparemos *Soma* para ele. Eles prepararam *Soma* para ele. Agora, este soma, o alimento dos deuses, não é outro que a Lua..." E continuou informando o que a Lua faz quando não aparece no céu: "...quando ele[14] (a Lua) não é visto à noite, quer no leste ou no oeste, então ele (a Lua) visita este mundo (dos homens) e aí ele (a Lua) entra nas águas e nas plantas..." (Eggeling, 1993: part I, 176-7 e Hillebrandt, 1980: vol. I, 197-8). No Mito da Criação do *Rg Veda*

---

[14] सोम - *Soma* também é um nome masculino.

X.90.13, é mencionado o seguinte sobre a origem da Lua e de outros componentes do universo a partir do *Purusha* (o Homem Cósmico): “a Lua nasceu da sua mente. Do seu olho nasceu o Sol...” (Brereton and Jamison, 2014: vol. III, 1540). Na Índia, tal como em outras regiões, se acredita geralmente que certas fases da Lua são propícias e outras são maléficas. A Lua Cheia destrói a escuridão e por isso é benevolente. Em contrapartida, a Lua Nova foi temida por muitos povos do passado, pois pode ser um sinal de que a Lua precisa de alimento, por isso ela é uma ameaça (Stutley, 1977: 60).

Na Grécia antiga, Selene é a personificação da Lua. Ela é representada como uma mulher jovem e bela, que percorria o Céu em um carro de prata puxado por dois cavalos. Ela é também celebre por seus amores. De todos, o caso mais conhecido foi como a amante do belo pastor Ενδυμίων - *Endímion*, de quem teria tido cinquenta filhas. Em razão da sua beleza, inspirou à Lua um profundo amor. A pedido de Selene, Zeus prometeu-lhe a realização de um desejo. *Endímion* escolher dormir um sono eterno e o deus adormeceu-o, conservando-o eternamente jovem, de maneira que *Endímion* nunca pudesse deixá-la, ao ver esta cena, a Lua se apaixonou por ele (Stroud, 2009: 139).

Os mitos sobre a Lua são muitos, os descritos acima são apenas das três principais culturas da Antiguidade (China, Índia e Grécia). Se estes povos desenvolvidos do passado produziram mitos tão supersticiosos, imagine a

quantidade e o grau de fantasia e de superstição nas culturas menos desenvolvidas daquela época. Rick Stroud reuniu mitos lunares da China, da Inglaterra, da Alemanha, da Grécia, do Japão, da América do Norte, da Nigéria, da Escandinávia, da Polinésia, da Rússia e da África Ocidental (ver: Stroud, 2009: 137-47).

Os Poderes da Lua

Com a divinização, não faltaram atribuições de poderes da Lua sobre a vida e o destino dos seres, bem como sobre a natureza e sobre a Terra. Tal como as outras áreas do conhecimento, a Astrologia lançou mão das crenças prevalecentes na Antiguidade, sobre os poderes divinos da Lua, para colocá-la no centro, juntamente com o Sol, das influências sobre o destino da humanidade. Em linhas gerais, segundo a astrologia, a Lua representa as emoções, os instintos e o princípio feminino. Ela rege o signo de Câncer, seu dia da semana é a segunda feira e seu elemento é o fogo. Os astrólogos alegam infundadamente que a Lua em Câncer torna as pessoas emocionalmente tenazes, tornando-as mal humoradas, facilmente aborrecidas ou ofendidas. Este também é o momento quando as pessoas sentem vontade de comer e beber em demasia. Os manuais de astrologia enumeram longas listas, com descrições, de características e de comportamentos próprios para este momento. A segunda feira é um dia ideal para lançar feitiços

utilizando os poderes da Lua e o fogo é utilizado nas magias lunares.

À guisa de exemplo, uma obra astrológica de forte influência no final da Antiguidade e na Idade Média, até a Revolução Científica, quando foi derrubada pela teoria heliocêntrica de Copérnico, é o livro *Matheseos Libri VIII*, de autoria do astrólogo e advogado *Julius Firmicus Maternus* (século IV e. c.), escrito por volta dos anos 334-7 e. c., é considerado “o maior compêndio astrológico do fim da Antiguidade” (Von Stuckrad, 2007: 126). Neste trabalho, ele enumerou e justificou alguns dos poderes da Lua. Entretanto, o relato da sua biografia aponta que, após escrever a obra acima, ele, que viveu na época de reinado de Constantino (306-37 e. c.), se converteu ao Cristianismo, então assumiu uma posição completamente radical, tornando-se “inimigo feroz de qualquer forma de astrologia” (Von Stuckrad, 2007: 126). Mesmo assim, sua obra astrológica foi muito influente nos séculos posteriores, uma vez que reunia o conhecimento astronômico e astrológico alcançado até então.

Sobre os poderes da Lua, extraindo aqui apenas as passagens mais curiosas, ele escreveu. “A essência inteira do corpo humano está relacionada ao poder daquela divindade (a Lua). (...) Após a formação do corpo, a Lua, através do seu percurso, mantêm a forma do corpo já formado. Por isso, nós devemos cuidadosamente observar os movimentos da Lua a fim de explicar a essência inteira do corpo humano. (...) Nós devemos conhecer como a Lua realiza e cuida do

corpo humano, e o que foi atribuído ao poder da Lua. Pois, nós sentimos em nossos corpos o aumento da Lua crescente e as diminuições da sua minguante. As partes mais internas do corpo humano crescem quando a Lua cresce, e quando ela (a Lua) começa a perder sua luz, elas minguam, fatigadas no corpo, quando elas crescem novamente, o poder delas de crescimento inundam de volta. (...) A essência inteira do corpo humano é governada pelo poder da Lua. Uma vez que ela (a Lua) está localizada nas regiões interiores dos céus, por causa da sua proximidade, a ela foi atribuído poder sobre a Terra e sobre todos os corpos animados pelo alento da Mente Divina. (...) A partir de diferentes elementos, ela (a Lua) constrói o corpo humano, e uma vez concebido, ela dissolve-o novamente em seus elementos" (*Matheseos Libri VIII*, Book 8; Bran, 1975: 118-9).

Apesar da obscuridade das passagens acima, é possível perceber o primitivismo astronômico das noções sobe a Lua daquela época, mesmo em uma obra que se tornou referência nos séculos seguintes. Sobrecarregadas de influências mitológicas e religiosas, consequentemente as atribuições de poderes à Lua eram muitos maiores do que se pôde confirmar cientificamente nos séculos seguintes. Não resta dúvida de que seria natural, em razão dos destaques no céu, que os povos antigos tivessem fascínio pela Lua e pelo Sol, assim como nos fascinamos hoje quando olhamos para o céu. Então, diferente das noções mais

tardias, a Lua de Firmicus não regia apenas o destino humano, mas também tinha o poder de criação e de destruição do corpo humano: “A partir de diferentes elementos, ela (a Lua) constrói o corpo humano, e uma vez concebido, ela dissolve-o novamente em seus elementos”. Bem como, tinha o poder de “manter a forma do corpo já formado”, isto é, a Lua tinha um poder sustentador do corpo. A Lua também “cuida do corpo humano”. Quanto ao atual conhecimento sobre o poder da Lua, sabemos comprovadamente que a Terra e a Lua exercem influências gravitacionais recíprocas. A mais percebida das influências da Lua sobre a Terra está no movimento das marés. Agora, o intrigante é o fato de que estas primitivas noções astronômicas ainda convencem alguns religiosos e esoteristas recentes ou atuais, mesmo diante dos avançados conhecimentos astronômicos sobre a Lua alcançados a partir do século XX, tal como veremos mais adiante nas supersticiosas noções de G. I. Gurdjieff sobre a Lua.

As Pseudociências e as Superstições

Se investigada desde a pré-história e em todos os povos do passado, as crendices e as superstições sobre a Lua são incontáveis, bem como o seu lado prático, a magia. Diante deste quadro estonteante, serão enumeradas e descritas em seguida, resumidamente, apenas alguns exemplos nas áreas mais envolvidas, a fim de que o leitor tenha uma noção resumida do alto grau de credulidade nos poderes da Lua dos povos no

passado, e com poucas exceções, até a crença persistente em recentes indivíduos esclarecidos, tal como o exemplo das noções anticientíficas de G. I. Gurdjieff sobre a Lua.

A astrologia: esta é, juntamente com a religião, a mais antiga especulação, ainda sobrevivente, apesar das alterações ao longos dos séculos (Van Stuckrad, 2007), sobre o destino dos homens, ela foi muito influente na cultura antiga e medieval até o período da Revolução Científica no século XVIII e. c. De influente cultural no passado, ela atualmente é considerada a mais antiga pseudociência ainda viva. A maioria dos autores é da opinião de que a Astrologia se originou na Mesopotâmia no segundo século a. e. c. A curiosidade é o fato de que, quem lê pelas primeiras vezes os livros de Astrologia se impressiona com o abundante e sofisticado uso da matemática (uma ciência formal) nos cálculos de astronomia (uma ciência material) pelos astrólogos. Muitos astrólogos foram excelentes matemáticos, e alguns ainda são, uma vez que a astrologia exige muitos cálculos matemáticos. Isto é, um sofisticado e rigoroso emprego da matemática, porém com base em um precário conhecimento do céu. De maneira que, mesmo hoje, aqueles que não estão familiarizados com os avanços do conhecimento da astronomia atual, até se convencem de que a astrologia é uma ciência de fato, em razão do alto grau de habilidade matemática e geométrica empregada pelos astrólogos. Até hoje se utiliza o modelo geocêntrico. A matemática foi uma ciência formal

avançada nos povos mais cultos da Antiguidade (China, Índia, Grécia e Roma).

A astrologia é a mais antiga pseudociência ainda viva. Quase todos os povos da Antiguidade se interessaram pelo Astrologia como um conhecimento crível. Muitas religiões do passado se envolveram na arte da previsão do destino. Na Mesopotâmia, ela foi desenvolvida pelos sacerdotes. Na Índia, o Hinduísmo ainda utiliza da Astrologia no seu calendário religioso. No passado, Antiguidade e Idade Média, a astrologia se misturava com a astronomia. Por exemplo, Cláudio Ptolomeu (100 – 170 e. c.), o grande astrônomo da Antiguidade, argumentava que astronomia e astrologia se complementavam. No terceiro livro da sua obra de astronomia *Tetrabiblos*, ele argumentou que o caráter do indivíduo é formado no momento da concepção e este caráter é influenciado pela posição dos planetas. A influência do pai será governada pelo Sol e por Saturno, e a influência da mãe por Vênus e pela Lua. A obra astrológica de Cláudio Ptolomeu apresentou as sementes da astrologia moderna. Ele utilizou muito da matemática e da geometria nos seus cálculos astronômicos. De certa maneira e com cautelas, é possível afirmar que a astrologia foi a precursora da astronomia moderna, assim como, até certo ponto, a alquimia foi a precursora da química moderna.

Na elaboração do mapa astral, a Lua é indispensável, por isso é muito importante, uma vez que é o corpo celeste mais próximo da Terra, por isso se move rapidamente pelo zodíaco. Para

os astrólogos, a Lua é considerada um planeta, assim como o Sol. A astrologia na Antiguidade só conhecia seis planetas: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Mais tarde, outros planetas foram incorporados com as descobertas de Urano em 1781, de Netuno em 1846 e de Plutão em 1930 (este último é considerado um planeta anão pela astronomia atual). Ao contrário do que conhece a astronomia e do que de fato acontece, todos eles orbitam em torno da Terra, bem como o Sol, sendo que, na realidade, apenas a Lua. Os astrólogos alegam que as descobertas tardias destes planetas não subverte os princípios da astrologia e tampouco a descredencia, ao contrário, as complementa.

A Lua representa o princípio feminino: mãe, esposa e as mulheres em geral. Bem como, intestinos, humor, marés, fases, receptividade, flutuações, sentimentos, padrões de hábitos e ações reflexas. Sua ação oscila e muda. Ela governa os interesses pessoais, os desejos, as necessidades, o magnetismo, o crescimento e a fertilidade. Ela rege os líquidos, as mercadorias, a navegação, a fabricação de bebidas, a enfermagem e os comerciantes. As partes do corpo regidas pela Lua são: o peito, o estômago, o equilíbrio dos fluidos do corpo, a digestão, as secreções glandulares, o olho esquerdo do homem e o olho direito da mulher.[15]

---

[15] As listas acima não são consensuais, pois variam de autor para autor, alguns itens coincidem, outros não, escolhi os itens que pareceram mais coincidentes.

Agora, o que é delirante é a crença, entre alguns astrólogos mais crédulos, na existência de mais um satélite natural orbitando a Terra, além da Lua. Trata-se do satélite *Lilith* (Lua Escura), o qual eles incluem em seus cálculos astrológicos. Segundo estes delirantes, a presença de *Lilith* no mapa astral tem uma forte influência negativa. Ela governa o lado escuro da personalidade do indivíduo e encoraja sentimento de autoderrota, bem como padrões de comportamento negativos. Até hoje ainda são publicados livros e almanaques para o leitor programar a sua vida de acordo com os ciclos lunares, um sinal de que ainda existem muitas pessoas que ainda acreditam na influência da Lua.

O resumo acima, apesar de muito breve, é suficiente para transmitir a ideia do quanto a Lua foi, e ainda é, para aqueles que acreditam, importante e influente na astrologia. Mesmo com o forte golpe da Revolução Heliocêntrica, a partir da publicação de *Rovolutionibus Orbium Coelestium* (Das Revoluções das Esferas Celestes), em 1543, de autoria de Nicolau Copérnico, a astrologia sobreviveu até os dias de hoje, embora com alterações (Von Stuckrad, 2007), mas mantendo o antigo e superado modelo geocêntrico do Sistema Solar.

A alquimia: bem menos que a astrologia, a alquimia também acreditou nos poderes sobrenaturais da Lua. Talvez nem tanto como a astrologia, suas origens também são remotas. Ao longo da história, em razão da diversidade da sua prática, é possível identificar, entre os alquimistas,

cientistas, visionários, sonhadores, charlatões, bandidos e ladrões. Em geral, é possível dividir a história da alquimia em duas fases: a alquimia chinesa e a alquimia ocidental. O objetivo da alquimia ocidental é a destilação e a purificação. A alquimia chinesa tinha objetivos diferentes da alquimia ocidental. A partir de uma visão geral, também é possível dividir a alquimia ocidental em alquimia material e alquimia espiritual. A primeira se ocupava de: 1) transformar o metal vil (sobretudo o mercúrio e o chumbo) em ouro ou prata e 2) preparar um remédio universal para a cura de todas as enfermidades humanas, conservar e devolver a juventude, e prolongar a vida, uma espécie de medicina universal ou de elixir da longa vida. Já a alquimia espiritual procurava a transformação espiritual do homem impuro em uma criatura perfeita e superior. Para os esoteristas espiritualistas, esta última é que é a verdadeira alquimia, por exemplo, desta maneira pensam os teósofos. Algumas práticas e descobertas dos alquimistas no passado, na área da alquimia material, representaram ciência genuína e, de certa maneira, contribuíram para o seu progresso, algumas sobreviveram até os dias de hoje, sobretudo na mineração. Uma contribuição importante foi a invenção da pólvora, pelos alquimistas chineses. A primeira referência confirmada ao que pode ser considerada como pólvora na China ocorreu no século IX e. c. E a fórmula química mais antiga apareceu em um texto chinês escrito entre 1040 e 1044 e. c. Existem registros de que os chineses

aperfeiçoaram a fórmula ao longo dos anos. Por isso, os historiadores costumam afirmar que a alquimia é a precursora da química moderna.

Alguns alquimistas ensinam que na alquimia ocidental, os elementos (fogo, terra, ar e água) regem as fases da Lua (nova, crescente, cheia e minguante). A Lua nova é regida pelo elemento fogo, a lua crescente é regida pelo elemento terra, a Lua cheira pelo elemento água e a lua minguante pelo elemento ar. Alguns livros do período da Renascença mencionam a existência de sete Espíritos Olímpicos, os quais governam 196 províncias do Céu, em que cada Espírito rege muitas províncias. O sétimo espírito é *Phul*, o senhor dos poderes da Lua, ele governa sete províncias, seu planeta é a Lua. Ele tem o poder de transmutar todos os metais em prata, cura a lepra e favorece o Espírito da Água. O anjo Gabriel é considerado também como um guardião da Lua. A Lua crescente e a estrela são símbolos do Islã e aparecem nas bandeiras de alguns países de maioria islâmica (Turquia, Paquistão e Tunísia). Enfim, diferente da astrologia, a Lua tem um importância menor na alquimia.

A magia: também envolta em tantas superstições, a magia se utilizou dos imaginários poderes da Lua, na esperança de alcançar mais efetividade nos rituais, nos feitiços e nos encantamentos. Os magos antigos acreditavam, e os atuais ainda acreditam, firmemente na contribuição dos poderes da Lua nos resultados das práticas mágicas. A magia se utiliza das forças sobrenaturais para interferir na natureza, no

próprio mago ou nas vidas de outras pessoas. Ela serve para criar, proteger e destruir, e funciona através dos feitiços, dos encantamentos, dos rituais e das invocações. Bem como, o mago busca alcançar os estados alterados de consciência produzidos pelo jejum, pelo encantamento, pela dança, pela meditação, pela mediunidade e pelas drogas. A posição da lua no Céu, os deuses e as deusas lunares, bem como outros recursos relacionados à Lua são utilizados pelos magos para aumentar e direcionar as forças mágicas e os feitiços para seus objetivos. A posição da Lua, o dia da semana e a hora do dia são importantes no momento de lançar o feitiço. Os feitiços mais leves devem ser executados na Lua crescente, os feitiços mais fortes na Lua minguante, e os feitiços mais fortes de todos na Lua nova. O dia da Lua é a segunda feira. Os astrólogos medievais pensavam que a segunda feira era um dos dias mais afortunados da semana. Ela é um dia especialmente ideal para comunicar com os mortos e com o mundo dos espíritos.

A Lua exerce influência em diferentes horas dos dias e das noites da semana. Diferente de nosso sistema horário, os magos contam as horas do dia a partir do amanhecer do dia e as horas da noite a partir do anoitecer. Para efeito de exemplos: no domingo durante o dia, a Lua é dominante na 4ª e na 11ª horas do dia (a partir do amanhecer), e durante a noite, ela é dominante na 6ª hora da noite a (partir do anoitecer). Na segunda feira, a Lua tem seu pico de influência na

1ª e na 8ª horas do dia, e durante a noite na 3ª e na 10ª horas da noite. Os demais dias da semana também têm as suas horas de maior influência da Lua.

Na Antiga Grécia, se acreditava que as Bruxas de Thessaly (séculos III-I a. e. c.), as quais ficaram conhecidas por executarem um rito que atraia o poder a Lua para si próprias, com isso se acreditava que eram capazes de controlar o dia e a noite, caminhar sobre as águas e até voar. A prática de "atrair o poder da Lua" ainda é executada pelo moderno movimento oculto conhecido pelo nome de Wicca. Na cultura Wicca, a Lua é reverenciada como uma deusa tripla, representando a Virgem (Lua Crescente), a Mãe (Lua Cheia) e a Velha (Lua Minguante). Seus rituais atraem o poder da Lua e os feitiços Wicca são regidos pelas fases da Lua. De todo o seu panteão de deuses e de deusas, um respeito maior é dado às deusas associadas à Lua. As congregações Wicca acontecem treze vezes ao ano na Lua Cheia, quando o seu poder mágico é considerado estar no auge. Outros textos recomendam que, antes de executar uma prática de magia, é ideal, às vezes, o banho com Água da Lua para purificar o corpo e a mente, portanto, na magia lunar a Água da Lua é utilizada na purificação. A Água da Lua é uma água comum purificada na luz da Lua Cheia. Esta água é colocada em uma vasilha, preferivelmente de prata, no lado de fora da casa, sob a luz da Lua Cheia. Deixe-a aí por diversas horas antes do amanhecer. Para o mago, o banho com a Água da

Lua funciona como uma unção antes de executar os ritos de magia lunar.

Rick Stroud descreveu também o papel da Lua no feitiço, na projeção astral, no Tarô, na Quiromancia, nos animais lunares (lobo, lebre, sapo, gato, vaca, coruja, etc.) e na Numerologia (ver: Stroud, 2009: 287-93). Quanto às superstições, ele reuniu e reproduziu uma coletânea de nada menos que 53 superstições, de diferentes épocas e de distintos povos, sobre nascimentos, superstições domésticas, quanto ao destino, boa sorte, superstições médicas, românticas e da Lua Nova (Idem: 295-9). Bem, reproduzir tudo aqui ocuparia muito espaço, portando espero que os resumos acima sejam suficientes para transmitir a ideia do quanto a Lua esteve, a ainda está, envolvida em pseudociências, em magias e em superstições. Uma antiga superstição sobre a Lua, a qual sobrevive atualmente nos filmes de suspense, é a do Lobisomem, com sua relação com a Lua Cheia.

Para a atual psicologia científica, as supostas e acreditadas forças sobrenaturais utilizadas pelos magos, quase em sua totalidade, são efeitos do encantamento, da persuasão, da sugestão, da sedução e, o que é muito comum, da credulidade, portanto psicológicos. Sendo assim, em muitos casos, trata-se de delírio ou de alucinação, pois os efeitos da magia, como forças sobrenaturais, são até agora inverificáveis, quando colocados sob rigoroso escrutínio científico.

A Lua na Medicina Antiga

Em virtude da mentalidade cientificamente incipiente, tal como já mencionamos aqui, no passado as crenças nos poderes da Lua não só se espalharam pela astrologia, pela magia, pela alquimia, pelas profecias, etc., mas também até mesmo pelas ciências, e uma delas foi a medicina. Portanto, prevaleceu por muitos séculos, em quase todas as áreas do conhecimento, a combinação do método misto de superstição e ciência, até o alvorecer do Iluminismo no século XVII e. c. Por exemplo, a astrologia, com sus interesses pelas forças celestiais e seu suposto poder de prever, era uma influência presente também nas ciências, tal como veremos mais adiante. Pois, um médico na Antiga Grécia podia ser bem familiarizado com as teorias contemporâneas sobre a natureza das doenças e, também, ter longa experiência clínica com pacientes, mas, mesmo assim, seu prognóstico sobre a sobrevivência do paciente, a sua decisão de operar ou de realizar a sangria, seria baseada nas implicações das posições da Lua, do Sol e das estrelas. O médico Cláudio Galeno (129-201 e. c.) afirmou que "um médico completo deveria ser versado na astrologia", e quinze séculos depois, o médico, naturalista e astrólogo inglês, Nicholas Culpeper (1616-54 e. c.), foi ainda mais longe ao afirmar que "a medicina sem a astrologia é como uma lamparina sem o óleo". Portanto, por séculos, para muitos médicos, a astrologia tinha o seu lugar na medicina.

As noções sobre a Lua, que foram imaginadas na época clássica, se infiltraram, através dos séculos, na Europa Medieval como uma mistura de alquimia, astrologia, ciência e superstição. As antigas teorias médicas do período clássico tinham como ponto de partida a noção do homem como um microcosmos (miniatura) do grande macrocosmos (universo). Os autores gregos percebiam repetidos padrões em todos os níveis do cosmos e do homem. O indivíduo era não só um microcosmo da raça humana, mas um microcosmo de tudo na existência. Sendo assim, o indivíduo carregava consigo padrões que estavam em harmonia com todo o universo. Para eles, a doença ocorre quando esta harmonia é perturbada, e a tarefa do médico é restaurar esta harmonia do indivíduo com o universo. De modo que a alquimia era um fator central e era resumida na máxima alquímica: "o que está acima é como o que está abaixo, o que está abaixo é como o que está acima". Em outras palavras, o microcosmo (o indivíduo) é uma reprodução do macrocosmo (o universo) e vice versa.

Limitados pela incipiência científica da época, os médicos gregos e romanos acreditavam que o Sol, a Lua, os planetas e as estrelas exerciam uma influência sobre tudo, incluindo as plantas e as pedras. Cada parte do corpo era governado por um diferente signo do zodíaco. Os planetas influenciavam os orifícios do corpo. As plantas tinham influência sobre os tratamentos e os remédios. Os 'dias críticos' eram de grande

importância, eles estavam relacionados diretamente à Lua. A Lua influenciava a febre alta e o Sol influenciava a febre crônica.

O prestigiado médico da Antiguidade, Hipócrates (460-370 a. e. c.), pensava que a Lua tinha poder sobre todo o corpo humano. Um importante elemento na medicina hipocrática era a ideia dos ‘Dias Críticos’. Estes dias eram contados após o primeiro dia de uma doença e estavam relacionados à Lua. Ele escreveu que “um médico sem conhecimento de astrologia deveria ser chamado mais de idiota do que de médico”.

O historiador romano Plínio o Velho (23-79 e. c.) acreditava na influência da Lua na agricultura e nas criaturas vivas. Sobre a Lua, ele escreveu: “Nós podemos conjecturar que a Lua não é injustamente observada como a estrela de nossa vida, é ela que reabastece a Terra. Quando ela aproxima da Terra, ela enche todos os corpos, enquanto que, quando ela se afasta, ela os esvazia. Por este motivo, o sangue do homem é aumentado ou diminuído na proporção da quantidade de sua luz (da Lua)”.

Cláudio Galeno (129-200 e. c.) absorveu e desenvolveu as ideias de Hipócrates. Suas ideias sobreviveram para se tornar a teoria médica dominante na Idade Média. Para ele, a Lua ocupava um importante papel na medicina. Ele também acreditava que a posição da Lua relativa às casas astrológicas, no momento da doença, era um indicador claro de que o paciente viveria ou morreria. Ele escreveu: “Para conhecer a condição do paciente no começo de quando ele está

doente, quanto tempo ele sobreviverá, que ele olhe na ascendente e na Lua...". A obra *Prognostics* de Galeno é uma extensão dos Dias Críticos de Hipócrates. As fases da Lua foram usadas para calcular os Dias Críticos: 7, 9, 14, 18, 21 e 28 dias após uma Lua Nova eram todos momentos importantes no desenvolvimento e na cura da doença. Se as estelas se alinham com a Lua para produzir boas influências naqueles dias, então tudo irá bem com o paciente. Galeno constantemente se refere à Lua em seus escritos. Ele confiava firmemente que a obra e as observações dos astrólogos sobre a Lua eram verdadeiras.

A Medicina na Época Medieval

Os grandes impérios da Grécia e de Roma desapareceram, mas suas especulações não. Elas foram preservadas em traduções árabes, as quais, a partir do século XI e. c., foram traduzidas para o Latim, consequentemente reintroduzidas na Europa Medieval. Os astrólogos medievais acreditavam que o cosmo, as estrelas, os planetas, a Lua e o Sol influenciavam o crescimento, o declínio e as estações do ano, com isso exerciam um papel importante na agricultura e na medicina. Tal como as outras ciências praticadas na época clássica, a medicina medieval era uma combinação de ciência, de oração, de astrologia, de feitiços e de misticismo.

Em linhas gerais, os médicos medievais acreditavam que a doença era uma punição de

Deus, que o corpo humano era um microcosmo do universo, que o corpo era formado dos quatro elementos, terra, ar, fogo e água, que estes elementos tinham de ser mantidos em harmonia para que o indivíduo permanecesse saldável e que a Lua era da maior importância na preservação desta harmonia. Os médicos medievais compartilhavam a superstição grega de que a Lua tinha de ser levada em consideração, não só nas operações sérias e na sangria, mas também na preparação dos remédios. Um influente autor medieval, Isidoro de Sevilha (560-636 e. c.), defendia a astrologia médica e a noção de que o homem era um microcosmo do universo. No centro de suas especulações sobre medicina, estava a convicção sobre a importância da Lua.

Bem, a fim de evitar repetições, não tratarei aqui mais sobre a medicina medieval, uma vez que, em grande parte, ela é um prolongamento da antiga medicina clássica dos gregos e dos romanos, preservando as mesmas superstições. De modo que o resumo acima é suficiente para apontar as fontes de onde G. I. Gurdjieff retirou as suas obsoletas noções sobre astronomia, ou seja, da supersticiosa mentalidade pré-científica da Antiguidade e da Idade Medieval. No caso de interesse do leitor pelo aprofundamento no assunto, recomendo a leitura de *The Book of the Moon*, de Rick Stroud, 2009, um extenso e detalhado estudo, com mais de 370 páginas, tratando da Lua a partir de diferentes abordagens, desde as primeiras especulações na Antiguidade

até os dias de hoje. Talvez o livro mais abrangente já escrito sobre a Lua até agora, de fácil leitura.

Os Dados Atuais da Lua

Sem vestígio de dúvida, nunca tivemos tanto conhecimento do céu como o que temos atualmente, e teremos ainda mais no futuro, à medida que novos equipamentos forem criados e novas pesquisas realizadas. Com base no que foi resumido acima, é difícil imaginar a reação de um astrônomo da Antiguidade ou da Idade Medieval, ao ser transportado para os dias de hoje e testemunhar o que conhecemos agora sobre cosmologia (astronomia, astrofísica e física de partículas). Após tantos séculos de mitificação, de especulação e de superstição sobe o céu, uma mudança gigantesca aconteceu com a criação do telescópio por Galileu Galilei (1564-1642 e. c.) no início do século XVII. Este foi o início da moderna astronomia científica.

A Lua é o único satélite natural que orbita a Terra. Ela foi formada há 4,51 bilhões de anos, logo após a formação da Terra. O Sistema Solar tem cerca de 4,6 bilhões de anos. Datação por isótopo de amostras lunares apontam que a Lua se formou por volta de 50 milhões de anos após o começo do Sistema Solar. Ela é o corpo celeste mais luminoso no céu noturno. Seu tamanho é aproximadamente ¼ do tamanho da Terra. A Lua tem manchas cinzas cercada por brilhantes áreas prateadas. Em 1609 e. c., o astrônomo Galileu estudou a Lua com o primeiro telescópio, o qual

era mais uma luneta, e percebeu que as manchas cinzas pareciam como mares, em função da insuficiência do seu telescópio. Ele as denominou de ‘*maria*’, plural de ‘*mare*’, em Latim, que significa mares. O nome permaneceu e até hoje denominamos estas áreas da mesma maneira, por exemplo, o Mar da Tranquilidade, onde o módulo da Apolo 11 pousou, em agosto de 1969. Agora nós sabemos que as *marias* (mares) são, na realidade, após observação através dos telescópios, das fotografias e dos satélites artificiais, extensas planícies cinzas e as partes prateadas são áreas de montanhas. A Lua está sempre com o mesmo lado voltado para a Terra, de maneira que o outro lado, apelidado de o ‘lado escuro da Lua’, não foi descoberto até recentemente. Em 1959, a sonda espacial soviética Luna 3 circulou a Lua, pela primeira vez, e tirou fotografias do seu lado oculto. Em 1968, astronautas voaram ao redor da Lua pela primeira vez. A primeira aterrisagem e caminhada na Lua foi em 1969. Mais cinco tripulações de astronautas caminharam na Lua, a última em 1972, nas três últimas viagens, os astronautas utilizaram um jipe lunar para explorar a área em torno do local da aterrisagem. Ademais, foram coletadas, ao todo nas missões, cerca de 380 quilos de rochas e de amostras do solo lunar. Com estas amostras em mãos, o cientista foram capazes, após minuciosos exames geológicos, de estimar a idade da Lua em 4,5 bilhões de anos.

Algumas das principais características da Lua são:

- Diâmetro: 3.976 km
- Circunferência: 10.921 km
- Perigeu orbital: 362.600 km da Terra[16]
- Apogeu orbital: 405.400 km da Terra
- Duração orbital sideral: 27 dias, 7 horas e 43 minutos
- Duração orbital sinódica: 29 dias, 12 horas e 44 minutos
- Velocidade orbital: 36,8 mil km/h
- Gravidade na superfície: 6 vezes menor que a da Terra
- Densidade média: 3,344 g/cm³ (0,606 menor que a da Terra).
- Massa: 0,0123 da Terra
- Atmosfera: hélio, argônio, néon, sódio, potássio, hidrogênio e radônio[17]
- Temperatura: -184ºC à noite e 214ºC durante o dia, nos polos a temperatura é constante: -96ºC.[18]

Na Lua não existe vida e ar na atmosfera, uma vez que não possui oxigênio, tampouco nuvens, raios e chuva, tal como estes são abundantes na Terra. Recentes pesquisas têm encontrado o vestígio da presença de gelo nos polos. Sua gravidade é seis vezes menor que a da Terra, em função do seu tamanho e de sua densidade menores. A densidade depende do

---

[16] A órbita da Lua não é absolutamente redonda, mas sim elíptica, por isso a diferença.

[17] Portanto, a Lua não possui oxigênio, por isso não tem ar e tampouco vento.

[18] Apesar da proximidade, estas temperaturas são tão diferentes da Terra em virtude do fato de que na Lua não existe atmosfera semelhante à da Terra.

material que compõe o corpo celeste. Sua crosta era quente e derretida quando a Lua era ainda jovem, esfriando com o Tempo para se tornar sólida cerca de 4,4 bilhões de anos atrás. Tal como a Terra, a Lua possui um manto abaixo da crosta. Ela tem um pequeno núcleo no seu interior, porém, diferente da Terra, seu núcleo não possui ferro, o que justifica a ausência de campo magnético e a proporcional menor densidade e massa em relação à Terra. Na Lua não existem vulcões ativos. A superfície da Lua é formada principalmente por regolito, termo derivado do grego *regos* (cobertor) e *litos* (pedra), portanto "cobertor de pedra", também conhecido por "manto de intemperismo", que é uma camada de poeira, de solo, de rocha quebrada e de outros matérias semelhantes, que cobrem uma rocha sólida e fresca. Está presente na Terra, na Lua, em Marte e em alguns asteroides e se deve à erosão cósmica, comumente chamada de atomização ou meteorizaçao das rochas, resultante da grande amplitude térmica dos choques com meteoros e outros processos físicos. Por isso o solo da Lua é, às vezes, chamado de regolito, o qual foi formado por choques de meteoros com a Lua e pela quebra de rochas em minúsculas partículas. Muitas destas partículas se derreteram com o tempo e se transformaram em pequenas contas de vidro alaranjadas. Este material é muito presente na Lua, uma vez que ela foi muito bombardeada por meteoros, durante bilhões de anos, por isso a sua grande quantidade

de crateras. No passado se pensava que estas crateras eram vulcões.

Sobre a formação da Lua há cerca de 4,5 bilhões de anos, a teoria mais aceita, dentre as propostas, é a de que um violento choque oblíquo com a proto-Terra[19], causado por um gigantesco corpo celeste, do tamanho do planeta Marte, denominado *Theia*, cujos detritos deste impacto permaneceram girando ao redor da proto-Terra, em razão da gravidade da proto-Terra, no formato de um anel, por milhões de anos, cujos detritos se juntaram, até se formar uma bola, em virtude do movimento rotacional da Lua[20], a qual resultou finalmente na formação da Lua. A superfície da proto-Terra foi afetada, mas o seu interior não. O que mais suporta esta teoria é o fato de que, após as análises das amostras do solo lunar, trazidas pelos astronautas das missões Apollo, descobriu-se que a Lua é formada das mesmas substâncias da superfície da Terra. Bem como, o fato da Lua não possuir um núcleo de ferro, tampouco um campo magnético, tal como a Terra.

---

[19] A Terra ainda estava no seu período de formação, muito diferente do que ela é hoje, por isso a denominação proto-Terra.

[20] Pelo fato da Lua manter o mesmo lado voltado para a Terra não implica que ela não tenha um movimento rotacional. Pois, da Terra, o seu movimento parece estacionário, mas, em relação ao espaço, a Lua possui um sideral movimento rotacional, uma vez que ambas executam um movimento orbital.

Um Raio da Criação sem "Fundamento Sério"

Sabemos que, de acordo com as prioridades teóricas e práticas de G. I. Gurdjieff, ele não colocou muita ênfase no assunto sobre a criação do universo, pois alegava que era algo muito distante de nós e o que era necessário, era a observação e o controle da mecanicidade do pensamento e do comportamento. Mas mesmo assim, ele arriscou emitir uma teoria sobre a criação, a qual ele denominou "Raio da Criação". Quando visto desde a perspectiva da atual astronomia científica, esta denominação não é tão precisa, uma vez que seria melhor denominada de Duplicação Hierárquica de Leis Mecânicas Conforme os Mundos Criados, sendo que ele nunca explicou minuciosamente quais eram tais leis mecânicas, a fim de mostrar a baixa posição do homem na hierarquia das leis mecânicas do universo. Gurdjieff foi um mecanicista compulsivo, para ele quase tudo se resumia em mecanicidade. A Física do século XX, especialmente a Teoria Quântica, tornou o mecanicismo ultrapassado no âmbito científico. Também, sua insistente ênfase na mecanicidade do comportamento humano não teve penetração, com a mesma ênfase, na psicologia acadêmica. Para elaborar sua teoria do Raio da Criação, Gurdjieff não utilizou unicamente da astronomia, mas, além desta última, ele combinou ideias da astrologia, do esquema de Plotino, do esoterismo, da filosofia especulativa e da medicina antiga e medieval. Ele ousadamente afirmou que a sua teoria do raio da criação é

"capaz de reunir, em um simples todo, a multiplicidade de várias e conflitantes opiniões científicas, religiosas e filosóficas do mundo" (Ouspensky, 1957: 82). A partir desta abrangência utópica, analisaremos nos parágrafos seguintes se, pelo menos, fisicamente e astronomicamente, sua teoria do raio da criação extremamente simplista é viável.

Exposto através de um simplismo ingênuo e de um reducionismo extremo, o seu sistema do Raio da Criação é o seguinte:[21] Do Absoluto emana um número infinito de Raios da Criação, com infinitos mundos, o nosso é um destes, com crescentes números de ordens de leis mecânicas. Tudo começa com o Absoluto[22], o qual possui apenas um lei, a sua vontade. Em seguida emanam todos os mundos possíveis, e de todos os mundos vieram as estrelas, o nosso sol, os planetas do sistema solar, a Terra e finalmente a Lua. Estes mundos existem no Raio da Criação e diferem no número de leis sob os quais operam. No nível do Absoluto, existe apenas um lei, a unidade da vontade de criação, no mundo seguinte, existem três 3 ordens de leis; no outro 6, no seguinte 12, no seguinte 24, 48 e finalmente

---

[21] Para conhecer as enormes diferenças com as atuais concepções científicas sobre a formação do universo, ver: Padmanabhan, 1998; Christian, 2004; Langmuir and Broecker, 1012 e Baggott, 2015.

[22] Ele não apresentou provas e demonstrações de que este Absoluto existe, portanto é um hipótese muito remota.

96. Na nossa Terra, existem 48 ordens de leis[23] sob as quais temos que viver. O último lugar, na extremidade do Raio da :Criação, está a Lua, a qual é governada por 96 ordens de leis, portanto o pior lugar do raio da criação, embora a Terra seja quase tão ruim, consequentemente muito difícil de se lutar para se libertar destas leis mecânicas (Ouspensky, 1960: 23s;). Sobre estas ideias inexistentes na astronomia podemos comentar que, infinitamente pior do que a submissão às leis mecânicas são as impossíveis condições ambientais para o surgimento e para a sustentação da vida, caso um indivíduo vivesse em outro planeta. Por exemplo, viver no planeta Júpiter, com um número menor de leis mecânicas (24), é impossível, em virtude das condições ambientas deste planeta gigante, do que viver na Terra, com mais leis mecânicas (48), porém com a condição ambiental para o surgimento e a manutenção da vida. Necessário se faz observar que Júpiter não é um planeta rochoso, mas sim gasoso, portanto não sabemos ainda como é a sua superfície, ou se ele tem mesmo uma superfície. Pois, apesar de ter aproximadamente a mesma idade da Terra, ele não desenvolveu condições habitáveis para o surgimento da vida. Ele é muito gelado, em virtude da grande distância do Sol, sua gravidade é enorme, o que dificulta o crescimento e a locomoção de criaturas, não tem atmosfera, tal como a Terra, provavelmente não

---

[23] Afirmar que na Terra existem apenas 48 ordens de leis mecânicas é um reducionismo extremo.

possui água líquida, em virtude da baixa temperatura, provavelmente só gelo, sua massa é 300 vezes maior que a da Terra, por isso uma gravidade altíssima e seu diâmetro é 11 vezes maior do que o do nosso planeta. Concluindo, enfim, é muitas vezes melhor viver na Terra, com 48 leis mecânicas, do que viver em um planeta sem condições ambientais para manutenção da vida, mesmo que ele tenha um número menor de leis mecânicas, tal como Júpiter, com apenas 24 leis mecânicas. Pior ainda seria viver no Sol, com apenas 12 leis mecânicas, mas sob uma temperatura incineradora na superfície de 5.538ºC. De modo que, ao contrário do que pensava Gurdjieff, é muito melhor viver na Terra, com as 48 leis mecânicas, mas com todas as confortáveis condições ambientais para manutenção da vida, do que viver em qualquer outro lugar com um número menor de leis mecânicas. Enfim, estas leis mecânicas são insignificantes diante da inabitabilidade das inóspitas condições extraterrestres.

Veja o esquema abaixo, no qual os mundos e os números de leis correspondentes dobram sucessivamente no Raio da Criação:

1.Absoluto: uma única lei, a sua vontade
2.Todos os mundos possíveis: submetido a 3 leis mecânicas
3.O mundo das estrelas: submetido a 6 leis mecânicas
4.O mundo do nosso Sol: submetido a 12 leis mecânicas

5.Os mundos dos planetas do sistema solar: submetido a 24 leis
6.O mundo da Terra: submetido a 48 leis e
7.O mundo da Lua, submetido a 96 leis.

A vontade do Absoluto é manifestada somente no nível de todos os mundos criados diretamente por ela. O plano, ou modelo, criado naquele nível prossegue mecanicamente, mundo após mundo, até que alcança o ponto final do Raio da Criação, que no nosso caso é a Lua. Porque vivemos sob 48 leis, estamos muito distantes da vontade do Absoluto. O movimento em direção ao Absoluto, estágio por estágio, por meio da nossa própria libertação das leis mecânicas, que nos constrangem, é o caminho para a auto realização. Isto significa que quanto mais distante do Absoluto, sob mais leis mecânicas os mundos subsequentes estão sujeitos. A vontade do Absoluto é manifestada somente no imediato mundo criado por ela, isto é, o mundo de 3 leis. Ela não alcança o mundo de 6 leis. Nos mundos seguintes (12, 24, 48 e 96), a vontade do Absoluto não se manifesta. Isto significa que, no mundo 3, o Absoluto cria, de certa maneira, um plano geral de todo o resto do universo, o qual então é desenvolvido mecanicamente. A vontade do Absoluto não pode se manifestar nos mundo subsequentes, exceto através deste plano, e ao se manifestar de acordo com este plano, ela assume a forma de leis mecânicas (Ouspensky, 1957: 83 e 1960: 23-6).

Tal como já mencionamos, Gurdjieff nunca forneceu esclarecimentos suficientes sobre estas leis mecânicas, o máximo que ele fez foi as perceber a partir da perspectiva psicológica. Quanto aos mundos em nosso Raio da Criação, é impossível explicar fisicamente e astronomicamente, por isso ele lançou mão de ideias astrológicas e metafísicas, pois como é possível que um mundo que está no mesmo universo físico possa diferenciar em nível de outro, que está também no mesmo plano físico. Tal como as estrelas, as quais estão no mundo 3 do Raio da Criação, governadas por apenas seis leis mecânicas, pode estar em um mundo diferente do Sol, governado por 12 leis, que está no nível 4, sendo que o Sol é também uma estrela. Da mesma maneira, os planetas não podem estar em um mundo diferente (nível 5) do mundo da Terra (nível 6), uma vez que a Terra é também um planeta do Sistema Solar. Também, a Lua não pode estar em um mundo diferente da Terra, uma vez que é o seu satélite natural e foi formada através dos detritos de uma colisão de um corpo celeste gigante com a Terra há 4,5 bilhões de anos, segundo a teoria atualmente mais aceita. Isto não pode ser explicado astronomicamente, somente com a introdução de crenças religiosas, de superstições astrológicas e de filosofias especulativas da era pré-científica, que é possível chegar a tais delirantes concepções, uma vez que todos os corpos celestes acima estão no mesmo mundo físico. Ademais, estas ideias pseudocientíficas foram extraídas de noções dos

especuladores da Antiguidade e da Idade Média, quando ainda não existiam os instrumentos de observação (telescópios), tampouco a exploração através de sondas espaciais, robôs, viagens espaciais tripuladas, etc., para se conhecer a composição destes corpos (estrelas, planetas e satélites), e com isso diferenciar um dos outros em número de leis mecânicas. Como é possível diferenciar um planeta do outro sem conhecer o tamanho, a gravidade, a densidade, o ambiente, a massa, a atmosfera, a temperatura, o *habitat*, as velocidades orbitais e rotacionais, o campo magnético e a densidade do núcleo de cada um deles? Como era possível para os antigos atribuírem números de leis mecânicas para os corpos celestes sem sequer conhecer as suas naturezas, as suas composições, os seus tamanhos e outros detalhes? Pois, para conhecer o número de leis mecânicas de um planeta, é preciso primeiro conhecer todos os fatores mencionados acima, conhecimento este que os esoteristas, os astrólogos, os religiosos e os filósofos antigos não possuíam. Então, os antigos tentaram explicar o universo através do que eram capazes de perceber no microcosmo, isto é, no homem, tal como fez Gurdjieff: Em suas próprias palavras: “Vocês conhecem as expressões ‘macrocosmo’ e ‘microcosmo’. Isto significa ‘grande cosmo’ e ‘pequeno cosmo’, ‘grande mundo’ e ‘pequeno mundo’. O universo é observado como um ‘grande cosmo’ e o homem como um ‘pequeno cosmo’, análogo ao grande cosmo. Isto estabelece, de certa maneira, a ideia

de unidade e de similaridade do mundo e do homem”. E logo em seguida, reproduziu a máxima esotérica: “Tal como acima, assim é o que está abaixo” (Ouspensky, 1957: 205). Já comentamos que esta infundada máxima hermética é cientificamente improcedente.

Sem mencionar as fontes, segundo Gurdjieff, as seguintes noções ingênuas sobre o Sol, a Terra e a Lua eram as noções mais comuns da sua época, na qual ele proferiu em uma série de comunicações registrada em *In Search of the Miraculous* (p. 83). Pois, é neste livro, que é possível encontrar a exposição de Gurdjieff mais didática sobre este assunto (Ouspensky, 1957: 82s e *passim*). Segundo Gurdjieff, para as noções populares daquela época (primeiras décadas do século XX) “a Lua é um corpo celeste frio e morto, a qual já foi uma vez como a Terra, isto é, ela possuiu calor interno, e em um período ainda mais cedo era uma massa derretida como o Sol. A Terra, de acordo com as opiniões populares, já foi como o Sol, e está também gradualmente esfriando, mais cedo ou mais tarde, se transformará em uma massa congelada, tal como a Lua. É comumente suposto que o Sol também está esfriando e que se tornará, com o tempo, similar à Terra e mais tarde, semelhante à Lua” (Ouspensky, 1957: 83). A realidade é o contrário, o Sol não está esfriando, ele é uma estrela Anã Amarela (G2V), 30% mais brilhante do que era no início, cujo tempo de vida restante é de cerca de cinco bilhões de anos, com o tempo se tornará uma estrela Gigante Vermelha, aumentará muito

de tamanho e então engolirá os planetas Mercúrio e Vênus, e incinerará a Terra (Botelho, 2021: 04). Este é o futuro do Sol.

Uma vez que as fontes destas fantasiosas noções não foram citadas, torna-se difícil saber qual a camada cultural daqueles que conjecturavam assim, no início do século XX, pois nada do que foi dito acima combina com as teorias astronômicas do início do século XX, muito menos ainda com as constatações científicas da atualidade (Langmuir and Broecker, 2012 e Baggott, 2015). Gurdjieff observou também que esta ideia popular "é a mais amplamente difundida e uma que tem se tornado a opinião do homem médio dos tempos modernos quanto ao mundo em que nós vivemos" (Ouspensky, 1957: 83). Ora, se foi uma ideia tão predominante naquela época, seria muito fácil citar a fonte de onde ele retirou esta ideia popular, pois não consegui encontrar alguém que pensasse astronomicamente desta maneira nas primeiras décadas do século XX.

Ele também alegou que estas ideias populares não são científicas, que entre os astrônomos e os astrofísicos "existem muitas teorias e hipóteses deferentes e contraditórias sobre o assunto, nenhuma das quais tem qualquer fundamento sério" (Idem, 83). Então, analisaremos em seguida se as ideias astronômicas de Gurdjieff têm "fundamento sério". Ele afirmou também que "a ideia do raio da criação e seu crescimento desde o Absoluto contradiz as opiniões gerais dos nossos dias" (idem, 83). E que, para ele, científicas são as que serão mencionadas em

seguida, segundo a teoria do Raio da Criação. Segundo ele, “a Lua é um planeta que ainda não nasceu, um planeta que está, por assim dizer, nascendo. Ela está gradualmente esquentando e, com o tempo (dado um desenvolvimento favorável do raio da criação), ela se tornará como a Terra e terá um satélite próprio, uma nova Lua” (Ouspensky, 1957: 83 e 1960: 196). Em outra passagem, encontramos mais detalhes: “Mas a Lua está crescendo e se desenvolvendo, e em algum momento ela, possivelmente, atingirá o mesmo nível da Terra. Então, uma nova Lua aparecerá e a Terra se tornará o seu Sol. Em um momento (do passado) o Sol foi como a Terra e a Terra como a Lua, E antes ainda o Sol foi como a Lua” (Idem: 25). Bem, a absurdidade destas fantasiosas ideias sobre a Lua, a Terra e o Sol não são em nada menos conjecturais do que as ideias populares que ele desqualificou como científicas anteriormente. A Lua não é um planeta em potencial, que está nascendo, pois serão necessárias muitas mudanças na Lua para que ela se transforme em um planeta, tal como a Terra, ela já tem 4,5 bilhões de anos e nunca demostrou sinais que que está encaminhando para se tornar um planeta. Também, ela não está esquentado, pois ela não é um corpo frio em sua totalidade, ela recebe o mesmo calor do Sol que a Terra recebe, pois ambas estão na mesma distância do Sol, as diferenças de temperatura estão nas diferenças de atmosferas. A temperatura na superfície da Lua durante o dia ultrapassa os 200ºC, em função da baixa densidade da sua atmosfera filtrar menos a

ação do Sol, uma vez que na Lua não tem ar (Para conhecer a versão científica da formação do Sol, da Terra e da Lua, ver: Christian, 2004: 57-75; Langmuir and Broecker, 2012: 86-105 e Baggott, 2015: 146-200).

E em seguida, uma teoria ainda mais astronomicamente delirante sobre a Terra: "A Terra, também, não está esfriando, ela está esquentado, e poderá, com o tempo, se tornar como o Sol. Nós observamos tal processo, por exemplo, no sistema de Júpiter, o qual é como um sol para seus satélites" (Idem, 1957: 83 e 1960: 196). Ora, dizer que a Terra "poderá se tornar como o Sol" não é outra coisa do que uma inviabilidade astronômica. Pois, um planeta se transformar em uma estrela é um fenômeno que nunca aconteceu e nunca acontecerá, trata-se de uma impossibilidade química, física e astronômica, em função das tão grandes diferenças na natureza da composição de ambos. Gurdjieff retirou esta ideia fantasiosa de especuladores de uma época que ainda não conheciam as composições químicas dos corpos celestes, portanto, antes do início da exploração espacial, uma vez que, ele mesmo afirmou que "a ideia do raio da criação pertence ao conhecimento antigo" (Ouspensky, 1957: 82). Também, não menos absurdo é a afirmação de que "Júpiter é como um sol para seus satélites". Júpiter não tem luz própria, ele reflete a luz do Sol, tampouco tem a forte luminosidade e o alto calor de uma estrela, pois um planeta não realiza o processo de fusão nuclear, nem a conversão de hidrogênio em hélio,

tal como acontece no interior de uma estrela para produzir luz e calor, portanto Júpiter não pode ser comparado com uma estrela como o Sol. Enfim, comparar um planeta com uma estrela é outra delirante conjectura astronômica.

Mais adiante ele afirmou que “o estudo das 48 ordens de leis, as quais o homem está sujeito, não pode ser abstrato como o estudo da astronomia; elas podem ser estudadas as observando em si mesmo e se livrando delas” (Ouspensky, 1957: 84). Bem, de leis astronômicas Gurdjieff transforma as ordens de leis da Terra, 48 em número, em leis psicológicas, que podem ser estudadas observado a si mesmo, ou seja, através da auto observação, ou o que ele chamou de “observação de si”, bem como, através da tentativa de se libertar destas leis psicológicas. Para explicar estas leis, ele recorreu àquela antiga e já desmentida máxima hermética de que “o que acima é como o que está abaixo, e o que está abaixo é como o que está acima”, já comentada anteriormente. Ou seja, nesse caso, o universo sendo conhecido através da psicologia.

A Astronomia “Lunática”

De todas as ideias infundadas de Gurdjieff, nenhuma é mais delirante do que a sua crença no sobrenaturalismo da Lua. As suas crenças supersticiosas aparecem em diferentes trechos espalhados em suas obras, de modo que, em razão da disseminação, é preciso selecionar, então aqui nos limitaremos àquelas mais

estranhas que, do ponto de vista científico, ou como avaliaria um astrônomo crítico, as mais absurdas. Em uma experiência que nos faz voltar à mentalidade supersticiosa da Antiguidade e da Idade Média, ele acreditava que "em nosso sistema, o fim do raio da criação, o sempre crescente fim, por assim dizer, do ramo, é a Lua. A energia para o crescimento, isto é, para o desenvolvimento da Lua e para a formação de novos rebentos, vai para a Lua a partir da Terra" (Ouspensky, 1957: 84-5). Em suma, o que ele quis dizer é que o raio da criação está em constante crescimento, e que a Lua, que é o fim ou o último mundo no nosso raio da criação, ou seja, o último elo, está se desenvolvimento para se tornar um planeta, tal como a Terra e irá possuir um satélite natural no futuro, criando assim mais um mundo no nosso raio da criação, talvez com 192 leis mecânicas (96 X 2 = 192), uma vez que a quantidade de leis no raio da criação dobra a cada mundo seguinte. Já comentamos que a transformação da Lua em um planeta como a Terra é uma impossibilidade astronômica, nenhum astrônomo tem dúvida quanto à esta impossibilidade, visto que a Lua tem 4,5 bilhões de anos e nunca apresentou sinais de que está encaminhado para se tornar um planeta, tampouco apresenta tais sinais no momento.

Então, ainda mais absurdo é a maneira pela qual o alimento para este desenvolvimento da Lua é suprido pela Terra, ou seja, através de uma energia que vai da Terra para a Lua, tal como ele esclareceu na passagem seguinte: "Esta energia é

coletada e preservada em um acumulador gigante situado na superfície da Terra. Este acumulador é a vida orgânica na Terra. A vida orgânica sobre a Terra alimenta a Lua. Tudo que vive sobre a Terra, as pessoas, os animais as plantas, é alimento para a Lua. A Lua é um imenso ser vivo que se alimenta de tudo que vive e cresce na Terra. A Lua não poderia existir sem a vida orgânica da Terra, muito menos a vida orgânica na Terra poderia existir sem a Lua. Também, com relação à vida orgânica, a Lua é um eletroímã gigante. Se a ação do eletroímã fosse repentinamente paralisada, a vida orgânica na Terra seria reduzida a nada" (Ouspensky, 1957: 85). Em outro trecho, é dito que "A Lua no momento alimenta-se da vida orgânica, da humanidade. A humanidade é uma parte da vida orgânica, isto significa que a humanidade é alimento para a Lua. Se todos os homens se tornassem inteligentes demais, eles não desejariam serem comidos pela Lua (idem: 57). P. D. Ouspensky acrescentou mais detalhes disparatados sobre a relação da Terra com a Lua em outro trecho: "A superfície inteira da Terra, sua composição e estrutura, depende da vida orgânica (muito pelo contrário, a Terra sobreviveu por milhões de anos sem a presença da vida orgânica). Ela depende de gosto e apetite. A Lua deseja uma coisa, a Terra outra coisa. (...) Certas matérias passam (da Terra) para a Lua de um modo que, do contrário, não seria possível alcançá-la. E elas chegam através de uma forma já digerida" (Ouspensky, 196: 197). Sobre o motivo da criação da vida orgânica, Gurdjieff disparatou:

“A vida orgânica na Terra foi criada para preencher o intervalo entre os planetas e a Terra” (Ouspensky, 1957: 138). Bem, é muito evidente que estas são crenças retiradas de superstições antigas e medievais, época cujo conhecimento científico sobre a Lua e a Terra ainda estava engatinhando, ou seja, estava mais sobrecarregado de mitos, de crendices e de superstições do que de pesquisa astronômica e científica. Pois, era preciso preencher o desconhecido com conjecturas. De modo que era necessário acreditar no sobrenatural, ou seja, em ações que acontecem em outros mundos invisíveis, para que estas noções tenham sentido, uma vez que, do ponto de vista astronômico, astro-biológico, geológico e biológico, essas ideias são absurdidades científicas. Pois, comparar a vida orgânica na Terra com um acumulador gigante, bem como, comparar a Lua com um eletroímã gigante, de maneira que não bastasse a interação gravitacional entre a Terra e a Lua, alegando que “a vida orgânica sobre a Terra alimenta a Lua”, são ideias que soam nos ouvidos dos cientistas como delírios. Quanto à afirmação anticientífica e contrária a História Natural do Sistema Solar, de que “a Lua não poderia existir sem a vida orgânica na Terra...”, é preciso esclarecer que a Terra tem 4,5 bilhões de anos, a Lua começou a ser formada aproximadamente 50 milhões de anos depois do início da formação da Terra, e a vida na Terra apenas surgiu há 3,5 bilhões de anos (Langmuir and Broecker, 2012: 274-7; para aprofundamento, ver: Baggott, 2015:

201-73), quando uma crosta terrestre começou a se formar com o esfriamento da Terra, portanto, por cerca de um bilhão de anos, a Lua sobreviveu sem a vida orgânica da Terra. Ademais, foi preciso mais milhões de anos até a vida unicelular se transformar em célula complexa e depois em vida orgânica, bem como muitos mais milhões de anos até que surgisse a humanidade (consultar o esquema em: Christian, 2004: 58).

Em outra passagem, na qual ele relacionou o raio da criação com as notas musicais, ele comparou desastrosamente a ideia de alimento para a Lua com a nota musical "ré": "mas, estava claramente conectado com a ideia de alimento para a Lua. Alguns produtos da desintegração da vida orgânica foram para a Lua, isto deve ser (a nota musical) ré" (Ouspensky, 1957: 139). Também, ele reforçou o despautério sobre o alimento para a Lua e o seu crescimento: "... a vida orgânica transmite influências planetárias de várias espécies para a Terra, e que ela serve para alimentar a Lua, e capacitá-la a crescer e a fortalecer" (Idem: 305).

Assim, quando não é possível encontrar uma explicação astronômica e geológica, a solução é o recurso para uma explicação sobrenatural: "O processo de crescimento e de aquecimento da Lua está conectado com a vida e a morte na Terra. Tudo que vive libera, na sua morte, uma certa quantidade da energia que a tem animado; esta energia, ou as 'almas' de tudo que vive (plantas, animais, pessoas) é atraída para a Lua através de um eletroímã gigante, e traz para

ela (a Lua) o calor e a vida dos quais o seu crescimento depende, isto é, o crescimento do raio da criação" (Idem: 85). Bem, já foi comentado acima, portanto não é preciso repetir que, astronomicamente e geologicamente, não existem provas físicas de que a Lua está crescendo de tamanho e aquecendo para se tornar um planeta. Somente a imaginação no sobrenatural é capaz de conceber tal impossibilidade astronômica. A crença na conjectura de que "tudo que vive libera, na sua morte, uma certa quantidade de energia" e que esta energia liberada é atraída para a Lua, é uma suposição extraída da especulação sobrenatural. Também, a crendice de que esta energia "é atraída para a Lua através de um eletroímã gigante, e traz para ela (a Lua) o calor e a vida dos quais o seu crescimento depende...", é outra aberração astronômica.

E as absurdidades não param por aqui: "As almas que vão para a Lua, possuindo talvez uma certa soma de consciência e de memória, se encontram aí sob noventa e seis leis, na condição de vida mineral, ou para falar diferentemente, em condições nas quais não há saída além de uma evolução geral através dos imensuravelmente longos ciclos planetários. A Lua está na extremidade, no fim do mundo..." (Idem: 85). Através cada vez mais de interpretações mais religiosas do que astronômicas, parece que Gurdjieff concebia a Lua como uma espécie de inferno celestial. Ora, se fosse verdade, então este inferno na condição de vida mineral é mais fresco e mais suportável do que o inferno cristão de fogo

e tortura. Logo, seria mais vantajoso deixar o Cristianismo, para então se converter ao Quarto Caminho, na segurança de que, após a morte, se formos para o inferno, que seja para o inferno mais confortável. Agora, acreditar que “as almas vão para a Lua” só convence aqueles religiosamente pré-dispostos em acreditar na eternidade da alma. Com base em sua concepção do raio da criação, Gurdjieff acreditava que a Lua está “no fim do mundo”. Porém, do ponto de vista astronômico, esta é uma gigantesca ignorância científica, tão gigantesca quanto o próprio eletroímã gigante que a Lua utiliza para atrair a energia da Terra. O universo é muito imenso, talvez infinito, para que a Lua esteja na sua extremidade, a rigor, a Lua não está nem sequer na extremidade da Via Láctea, muito menos do universo. Somente uma noção de universo extremamente reducionista, tal como a deste incomprovado raio da criação, que é capaz de colocar a Lua no fim do mundo. No entendimento atual dos astrônomos, o que pode estar mais próximo do fim do mundo é o que é conhecido como “horizonte de eventos” no interior dos buracos negros. Consórcios de radiotelescópios, o que amplifica em muito a capacidade de visualização, já conseguiram visualizar o horizonte de eventos no interior de um buraco negro quase do tamanho do Sistema Solar. Tal como outros religiosos e esoteristas, Gurdjieff não imaginava o gigantesco avanço que a astronomia alcançaria na segunda metade do século XX, por isso emitiu

precipitadamente ideias retiradas de antigas e incomprovadas especulações.

E as absurdidades astronômicas continuam aumentado ainda mais. Segundo Gurdjieff, a Lua influencia a Terra e esta influência não é pequena, pois é total: “A influência da Lua sobre tudo que vive manifesta-se em tudo que acontece na Terra. A Lua é a principal, ou melhor, a mais próxima, a imediata força que motiva tudo que acontece na vida orgânica na Terra. Todos os movimentos, todas as ações e todas as manifestações das pessoas, dos animais e das plantas dependem da Lua e são controlados pela Lua. A película sensível de vida orgânica que cobre o globo terrestre é inteiramente dependente da influência do eletroímã gigante que está sugando sua vitalidade. O homem, tal como todos os outros seres vivos, não pode, nas condições normais da vida, libertar-se da Lua. Todos os movimentos e, consequentemente, todas as suas ações, são controlados pela Lua. Se ele mata um outro homem, a Lua faz o mesmo; se ele se sacrifica pelos outros, a Lua faz aquilo também. Todas as ações, todos os crimes, todas as ações de auto sacrifício, todas as façanhas heroicas, como também todas as ações da vida normal, são controlados pela Lua” (Idem: 85; ver também: 138). Com estes disparates acima, Gurdjieff ultrapassou o limite da absurdidade e alcançou finalmente a esfera da comicidade. De certa maneira, é preciso um alto grau de credulidade astrológica para acreditar na “influência da Lua sobre tudo o que vive manifesta-se em tudo que

acontece na Terra", bem como que existe uma "película sensível de vida orgânica que cobre o globo terrestre", a qual é "inteiramente dependente da influência do eletroímã gigante", o qual suga a vitalidade da vida orgânica da Terra. Mais cômica ainda é a afirmação de que quando o "homem mata outro homem, a Lua faz o mesmo", bem como quando "ele se sacrifica pelos outros, a Lua faz aquilo também".

E finalmente a conclusão de seus disparates: "A libertação que advêm com o desenvolvimento das faculdades e dos poderes mentais é libertação da Lua. A parte mecânica de nossa vida depende da Lua, está sujeita à Lua. Se nós desenvolvêssemos em nós mesmo a consciência e a vontade, e sujeitemos nossa vida mecânica e todas as manifestações mecânicas a elas, nós poderemos escapar do poder da Lua" (Idem: 85-6). Para concluir, ora, se é verdade que a Lua é um problema tão grande para a Terra, ou seja, algo como "a pedra no sapato da Terra", então substituindo uma comicidade por outra comicidade de maneira jocosa, seria mais eficiente utilizar a nossa avançada tecnologia atual, e assim impulsionar a Lua para fora do alcance gravitacional da Terra, expulsando-a para longe,[24] do que realizar todo aquele cansativo e interminável esforço de lutar contra a

---

[24] Um teste de redirecionamento de asteroide, a fim de desviar a sua rota, denominado *Double Asteroid Redirection Test* (DART), já foi realizado com sucesso pela NASA em novembro de 2011.

mecanicidade do nosso comportamento, tal como o ensinamento central de Gurdjieff prescreve.

Em Meio às Inconsistências, uma Psicologia Considerável

Até para um cético, que não acredita nas ideias esotéricas e religiosas, a psicologia de Gurdjieff é capaz de impressionar pelo razoável grau de cientificidade, quando separada das crenças religiosas que a rodea. Esta é a única parte científica no conjunto geral das suas ideias e práticas. Se não tivesse Gurdjieff associado e criado uma dependência da sua psicologia com ideias esotéricas, com doutrinas religiosas, com superstições do passado e com especulações obsoletas, ela bem poderia ter tido um relativo reconhecimento no meio acadêmico e científico. Esta associação de dependência aconteceu em razão da sua forte crença na antiga máxima esotérica da correspondência entre o microcosmo e o macrocosmo: “o que está embaixo é como o que está acima, e o que está acima é como o que está embaixo". Esta máxima influenciou muitos esoteristas de agora e do passado. Em outras palavras, o universo (macrocosmo) é uma reprodução do homem (microcosmo) e o homem, por sua vez, é uma reprodução do universo. De modo que, tal como os esoteristas imaginam, se conhecendo o universo (macrocosmo) se conhece o homem (microcosmo). Ao passo que, quanto investigado com os recursos atuais, no universo existe mais caos do que os observadores

desequipados do passado eram capazes de perceber, quando comparado com a ordem e a tranquilidade reinantes no Sistema Solar e no seu entorno, na periferia da Via Láctea, onde se encontra a Terra. Hoje, com o avanço do conhecimento científico sobre o universo e sobre o homem, sabemos que esta correspondência não é possível de ser comprovada, por isso não se fala neste assunto no meio científico atualmente, trata-se de uma especulação ingênua dos antigos. No passado, esta máxima esotérica foi criada em uma época pré-científica, quando ainda não existiam os telescópios, as sondas espaciais, os robôs espaciais, os satélites orbitais e os telescópios orbitais e o telescópio espacial (James Webb), as viagens espaciais tripuladas e a estação espacial internacional, para o conhecimento do macrocosmo, com isso não se conhecia a gravidade, as erupções solares (Solar Flares), a radiação cósmica, os buracos negros, a expansão cósmica, os raios gama, etc., da mesma maneira que ainda não existiam os laboratórios, os microscópios, o raio X, o ultrassom e outros instrumentos para investigação do homem e dos organismos. Quando as antigas especulações macrocósmicas foram elaboradas, o conhecimento do céu se limitava ao que se percebia ao olho nu, então o universo parecia uma sistema hormônico e plenamente ordenado, sem os antigos saberem que a Terra está em uma privilegiada posição tranquila na periferia da Via Láctea, longe do caos do seu núcleo. Hoje, com a ajuda de telescópios potentes e de telescópios orbitais, sabemos que o

universo é muito caótico, que a ordem e a tranquilidade não são reinantes em todo o universo e em todos os momentos, com buracos negros massivos engolindo tudo ao seu redor, gigantescas explosões de estrelas e de supernovas, choques monstruosos de planetas, emissão de raios gama que destroem tudo o que está pela frente, planetas órfãos vagando descontroladamente pelo espaço e até mesmo o que é mais incrível, as colisões de galáxias. Nenhum destes fenômenos acontece no homem e nos organismos; por exemplo, não existem buracos negros no corpo e na mente dos humanos.

Assim como muitos esoteristas e religiosos, Gurdjieff também acreditava que a suficiente coerência das ideias poderia, em muitos casos, assegurar a realidade de uma doutrina. Ou seja, ele pensava que, com base em antigas especulações, agora obsoletas, mas inseridas em uma coerente e lógica estrutura de ideias entre si, seu conjunto de ideias se revestia de realidade, algo como um sistema coerente de ideias. Sendo assim, como muitos outros esoteristas, ele enfatizou o "Coerentismo", ao ponto de seus seguidores denominarem o conjunto das suas ideias de "Sistema". Quando o Coerentismo é exagerado, transforma-se em uma confusão entre Lógica Formal" e "Lógica Material", ou seja, a correspondência coerente entre o raciocínio formal e a correspondência coerente entre o raciocínio e a realidade (Lógica Material). Um raciocínio pode ser muito coerente formalmente na sua

elaboração, tal como em um sistema com ideias coerentes, mas pode ser falho em seu raciocínio material, ou seja, não correspondendo à realidade. O Coerentismo está muito presente nas doutrinas, sobretudo nas doutrinas religiosas e na Teologia. Abaixo um exemplo, através de um silogismo, de um raciocínio formalmente coerente, que transmite uma “aparência de realidade”, mas que em sua correspondência com a realidade, é falho:

Premissa maior: Toda baiana é brasileira.
Premissa menor: Lila era baiana.
Conclusão: Logo, Lila era brasileira.

Este silogismo (raciocínio), em razão da sua aparente coerência formal, apresenta os sinais de um raciocínio que corresponde à realidade, porém quando aplicamos a lógica material, ou seja, a correspondência entre o raciocínio e a realidade, é possível perceber a falha no raciocínio, pois a Lila mencionada aqui era minha mãe, ela não era baiana, mas sim mineira natural de Uberlândia. A ignorância sobre quem era Lila leva a aparente realidade, em virtude do raciocínio formalmente lógico do silogismo, o que parece que este raciocínio está reproduzindo a realidade. Enfim, o Coerentismo exagerado leva, em quase todos os casos, à confusão entre a “realidade” e a “aparência de realidade”. Por isso, as doutrinas e os sistemas com ideias bem coerentes entre si são capazes de converter principiantes e de influenciar seguidores.

Gurdjieff elaborou um sistema cuja psicologia dependia de ideias metafísicas, de doutrinas esotéricas, de especulações obsoletas e

até de teorias astronômicas, porém sua astronomia inclui antigas superstições astrológicas. Esta associação com infundadas especulações antigas fez a sua psicologia perder o caráter científico, pois é sustentada por crenças, e não por ideias cientificamente reconhecidas. Sua psicologia dos centros psicológicos, quando desatrelada das crenças e das especulações antigas, com a divisão em centro intelectual, centro emocional, centro motor e centro instintivo, é interessante e digna de estudo. Concluindo, a sua psicologia é a flor de lótus do seu sistema, entretanto está rodeada por um lamaçal de teorias infundadas e de especulações obsoletas.

Obras Consultadas

BAGGOTT, Jim. *Origins: The Scientific Story of Creation*. New York: Oxford University Press, 2015.

BENNETT, J. G. *Gurdjieff: A Very Great Enigma*. New York: Samuel Weiser, 1974.

BOTELHO, Octavio da Cunha. *Os Fantasiosos Movimentos do Sol nos Purānas*. Edição Eletrônica: 2021, 04. DOI: 10.13140/RG.2.2.15246.28486

BRAN, Jean Rhys (tr.). *Ancient Astrology, Theory and Practice: Matheseos Libri VIII by Firmicus Maternus.* Park Ridge: Noyes Press, 1975.

BRERETON, Joel P. and Stephanie W. Jamison (trs). *The Rigveda: The Earliest Religious Poetry of India* (3 volumes). Oxford/New York: Oxford University Press, 2014.

COLLINS, John J. *The Dead Sea Scrolls: A Biography*. Princeton: Princeton University Press, 2013.

CHRISTIAN, David. *Maps of Time: An Introduction to Big History*. Berkeley: University of California Press, 2004.

CUSACK, Carole M. *Sufism and the Gurdjieff 'Work': A Contested Relationship* in *Handbook of Islamic Sects and Movements*, Muhammad Afzal Upal and Carole M. Cusack (eds.). Leiden/Boston: Brill, 2021, pp. 612-31.

EGGELING, Julius (tr.). *The Satapatha Bhrāmana: According to the Text of the Mādhyandina School* (5 parts), Delhi: Motilal Banarsidass, 1993.

GHAROTE, Dr. M. L. *Prānāyāma: The Science of Breath: Theory and Guidelines for Practice.* Lonavla: The Lonavla Yoga Institute, 2007.

GURDJIEFF, George I. *The Herald of Coming Good: First Appeal to Contemporary Humanity.* New York: Samuel Weiser Inc, 1933.

___________________ *Beelzebub's Tales to his Grandson: An Objectively Impartial Criticism of the Life of Man.* (2 volumes). New York: E. P. Dutton & Co., 1973.

___________________ *Life is Real Only then, When "I am".* London: Routledge & Kegan Paul, 1981.

___________________ *Meetings with Remarkable Men*. London: Penguin Compass, 2002.

HILLEBRANDT, Alfred. *Vedic Mythology* (2 volumes). Delhi: Motilal Banarsidass, 1980.

HUGGINS, Ronald V. *Gurdjieff and the Essenes*. Coeur d'Alene: Pilgrims Press, 2019.

IGAL, Jesus (tr.). *Enéadas*. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

IYENGAR, B. K. S. *Light on Prānāyāma (Prānāyāma Dīpikā).* New Delhi: HarperCollins Publishers, 1993.

LANGMUIR, Charles H. and Wally Broecker. *How to Build a Habitable Planet: The Story of Earth from the Big Bang to Humanity.* Princeton: Princeton University Press, 2012.

MOORE, James. *Gurdjieff: The Anatomy of a Myth: A Biography*. Dorset: Element Books, 1991.

______________ *George Ivanovitch Gurdjieff* in *Encyclopedia of New Religious Movements*, Peter

B. Clarke (ed.). London: Routledge, 2006, pp. 245-7.
MUKTIBODHĀNANDA, Swāmi (tr.). *Hatha Yoga Pradipika: Light on Hatha Yoga*. Munger: Yoga Publications Trust, 2006.
OUSPENSKY, P. D. *In Search of the Miraculous: Fragments of an Unknown Teaching*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd, 1957.
________________ *The Fourth Way: A Record of Talks and Answers to Questions Based on the Teaching of G. I. Gurdjieff*. London: Routledge & Kegan Paul, 1960.
________________ *The Psychology of Man's Possible Evolution*. New York: Alfred A. Knoff, 1974.
PADMANABHAN, T. *After the First Three Minutes: The Story of our Universe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
PETSCHE, Johanna. *A Gurdjieff Genealogy: Tracing the Manifold Ways the Gurdjieff Teaching has Travelled* in *International Journal for the Study of New Religions*, vol. 4, No. 1, 2013.
SARASWATI, Swami Niranjanananda. *Prana and Pranayama*. Munger: Yoga Publications Trust, 2009.
SEDGWICK, Mark J. *Sufism: The Essentials*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2000.
SPEETH, Kathleen Riordan. *The Gurdjieff Work*. Los Angeles: Jeremy P. Tarcher Inc., 1989.
STROUD, Rick. *The Book of the Moon*. New York: Walter & Company, 2009.

TRIMINGHAM, J. Spencer. *The Sufi Orders in Islam*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1998.

STUTLEY, Margaret and James. *A Dictionary of Hinduism: Its Mythology, Folklore and Development 1500 B.C. – A.D 1500*. London: Routledge & Kegan Paul, 1977.

VERMES, Geza (tr.). *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. London: Penguin Books, 2004.

VON STUCKRAD, Kocku. *História da Astrologia: da Antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Editora Globo, 2007.

WEBB, James. *The Harmonious Circle: The Lives and Work of G. I. Gurdjieff, P. D. Ouspensky and their Followers*. Boston: Shambhala Publications, 1987.

WOODROFFE, Sir John (Arthur Avalon). *The Serpent Power: being the Sat-Cakra-Nirūpana and Pādukā-Pancaka.* Madras: Ganesh & Co., 1964.

______________________________________ *Shakti and Shakti*. New York: Dover Publications, 1978, pp. 675-702.